

# EXTRA

## CLASSE-ORG-BR

ANO 24 | Nº 232 | ABRIL DE 2019

### ENTREVISTA

Perseguido em 1964,  
o general Bolivar Meirelles  
explica a trajetória  
dos militares no poder  
p.04



Foto: Acervo pessoal

### Economia

Exportações de minério  
de ferro para a China só  
cresceram após o  
rompimento da  
barragem de Mariana. O  
colapso de Brumadinho  
elevou os preços.  
Enquanto isso, a Vale  
segue explorando áreas  
polêmicas, como  
Carajás

p.14



Foto: Reginaldo Zanetti

# Ferro, tragédias e negócios da China

### Nesta edição:



Foto: Alan Santos/PR

### POLÍTICA

Os controversos cem  
primeiros dias do presidente  
Jair Bolsonaro no governo

p.10



Foto: Ivon Spangola

### ARTE +

Terceirização da Usina  
do Gasômetro segue sendo  
uma caixa preta

p.24



## 04 ENTREVISTA

General Bolivar Marinho Soares de Meirelles, perseguido em 1964, explica a paranoia militar

## 08 EDUCAÇÃO

Ameaças de atentados em escolas podem ter motivação em discurso de ódio

## 10 POLÍTICA

Os cem primeiros dias de Jair Bolsonaro na presidência da República

## 13 APARTE

Comemoração do Golpe de 1964 agride o Estado-Nação

## 14 ECONOMIA

A mineração de ferro, apesar das tragédias de Brumadinho e Mariana, segue lucrativa

## 18 ENSINO PRIVADO

Evento debate a reforma da Previdência e as armadilhas para os trabalhadores

## 22 INTERVALO

Professor de História e artista gráfico usa desenhos contra o racismo e a exclusão

## 23 ROLIM

Série aborda a questão feminina

## 24 ARTE +

O futuro do Gasômetro, símbolo da capital

# O holocausto vitimou judeus e esquerda

No início de abril, o rabino Michel Schlesinger, da Congregação Israelita Paulista e representante da Confederação Israelita do Brasil para o diálogo inter-religioso estabeleceu um contraponto às falas do presidente Jair Bolsonaro, de sua família e de membros do governo que atribuem o nazismo à esquerda. Ele é categórico: "o nazismo foi uma ação da extrema direita europeia". Sem poupar críticas ao autoritarismo de esquerda, o rabino diz: "associar holocausto à esquerda é falsificar a história". Ele reafirma que o nazi-fascismo e os movimentos de extrema direita europeia é que resultaram no holocausto, que vitimou 6 milhões de judeus.

As falas do presidente também causaram desconforto em Israel, durante sua visita, e na Alemanha. Partidos tradicionais da história da Alemanha pós-Hitler criticaram fortemente o presidente brasileiro por seus comentários sobre a origem do nazismo que são as mesmas do chanceler brasileiro, Ernesto Araújo. A deputada do Partido Social-Democrata (SPD), Yasmin Fahimi, declarou ao blog do jornalista Jamil Chade que nazistas também usaram o termo "social" como uma máscara para seu real programa político. O fato de Jair Bolsonaro estar usando a mesma estratégia de mentiras é uma ridicularização inaceitável das vítimas que foram mortas pelos nazistas", disse Fahimi. Para ela, nazistas foram demagogos fascistas de extrema-direita. Durante esse período, a Alemanha foi uma ditadura fascista, desumana e de uma ideologia racista. "A declaração de Bolsonaro deprecia a memória de todas as vítimas assassinadas pela violência dos nazistas", alertou. "O movimento de esquerda, pelo contrário, lutou pela liberdade e pela igualdade de todos. Isso é o oposto do fascismo", completou.

Já Heinz Bierbaum, chefe do Comitê Internacional do partido Die Linke, também não poupou críticas: "Bolsonaro pode ser chamado de



Foto: Reprodução

fascista", disse. "Desprezando a democracia, as conquistas do Estado de Direito, ele ataca a esquerda, LGBT, povos indígenas, afro-brasileiros, minorias e ativistas", declarou. "A esquerda de todo o mundo se levanta contra Bolsonaro e todo seu ódio", disse. "A história da Alemanha e o surgimento do partido nazista nos ensinam a resistir a ameaças do racismo e intolerância em sua origem", atacou o deputado. Segundo ele, a declaração de Bolsonaro sobre a origem do nazismo é "uma completa distorção dos fatos históricos". "Sem qualquer dúvida, o nazismo é um movimento fascista. Eles não foram responsáveis apenas pela morte de 6 milhões de judeus, mas também de 20 mil membros de partidos de esquerda", declarou.

"Mais de 3 milhões de prisioneiros soviéticos morreram nas prisões na Alemanha durante a guerra", insistiu, lembrando que a ofensiva nazista no mundo e sua ideologia anticomunista deixou como resultado 65 milhões de mortos. "A esquerda foi parte da resistência antifascista em toda a Europa e lutou contra esses regimes desumanos", completou.

**Boa leitura!**

**EXTRA**  
CLASSE-ORG-RR

**REDAÇÃO:** extraclass@sinprors.org.br

**Editora-chefe:** Valéria Ochôa

**Editores Executivos:** César Fraga e Valéria Ochôa

**Redação:** César Fraga, Edimar Blazina, Gilson Camargo e Valéria Ochôa

**Colaboradores:** Beth Baldi, Flávia Benfica, Marcelo Menna Barreto, Naira Hofmeister e Thayse Uchôa

**Colunistas:** Luis Fernando Verissimo, José Fraga, Marco Aurélio Weissheimer e Marcos Rolim

**Diagramação e Arte:** Fabio Edy Alves/Bold Comunicação

**Projeto Gráfico:** Bold Comunicação e D3 Comunicação

**Fotografia:** Igor Sperotto

**Ilustração:** Rafael Sica e Ricardo Machado

**Charge/Cartum:** Edgar Vasques, Rafael Corrêa e Santiago

**Revisão:** Lígia Halmenschlager

**Comercialização:** 51. 4009.2981

**Impressão:** Zero Hora

**Tiragem desta edição:** 25 mil exemplares

**Telefones da Redação:** 51. 4009.2980/2982/2983/2985

\* O conteúdo dos artigos de opinião e matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores.

Publicação mensal do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul – Sinpro/RS, filiado à CUT e Contee  
Av. João Pessoa, 919 | CEP 90.040-000 | Porto Alegre | RS | Fone 51. 4009.2900

[extraclasse.org.br](http://extraclasse.org.br) [fb.com/jornalextraclass](https://fb.com/jornalextraclass)

## As contradições da PEC 06/2019

Em meio ao embate político sobre a matéria na Comissão de Constituição e Justiça e sem avançar para outras comissões como pretendia o governo, mirando na votação da proposta ainda em abril, os movimentos sociais, centrais sindicais e demais críticos à reforma, aumentaram a carga de denúncias sobre as contradições do projeto – com debates, atos públicos e marchas nas principais capitais e a organização da greve geral. “Esta proposta do Guedes-Bolsonaro é tão ruim, que eles têm que mantê-la na clandestinidade. Na medida em que a população toma conhecimento do impacto que ela representa para os trabalhadores e para quem ainda não ingressou no mercado de trabalho e pensa em se aposentar, aumenta muito a revolta nas pessoas”, acrescenta Claudir Nespolo (CUT-RS). Para o dirigente, a imprensa alternativa furou o bloqueio em relação ao conteúdo perverso da PEC 06/2019. “A grande imprensa tem um apagão sobre esse assunto, os jornalões, as tevês, só botam articulistas, assessores e comentaristas para dizer que tem que fazer sob pena de falir o sistema, o que não é verdade. É só cumprir a Constituição que a Previdência e a seguridade social são saudáveis. Isso está provado na CPI e pelos números que a gente tem das arrecadações”, contrapõe.

### Prejudica mais pobres

“Quando você olha a descrição de onde viria o R\$ 1,1 trilhão a ser economizado em dez anos, constata que 86% saem do Regime Geral de Previdência Social (RGPS) e do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Então, como pode afirmar que a nova Previdência combate privilégios, se ela atinge em cheio dois segmentos que não têm nenhum privilégio? O teto do RGPS é R\$ 5.839, o BPC é um salário mínimo (R\$ 998). O governo está devendo um cálculo atuarial à sociedade, e ficará claro que a economia virá do corte de benefícios aos trabalhadores de baixa renda”, questionou Clovis Scherer, do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), em uma conversa com economistas que participaram no dia 25 de uma audiência sobre os impactos da reforma, na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH), no Senado.

Leia mais em  
**EXCLUSIVO WEB**

SANTIAGO



## Cresce mobilização contra a reforma da Previdência

O crescimento da mobilização popular em todo o país e as trapalhadas do governo na tentativa de pressionar parlamentares e convencer a população, uma estratégia – ou falta dela – vista com desconfiança até por sua base parlamentar, potencializaram a resistência ao projeto de reforma da Previdência durante o mês de março (foto). O repúdio à Previdência embutido na Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 06/2019 aumentou na medida em que a sociedade tem acesso à extensão e à perversidade das novas regras.

O desmonte proposto na PEC 06/2019, que prevê a desvinculação constitucional das regras de proteção social e a entrega do bilionário orçamento da seguridade social à especulação do sistema financeiro por meio de um esquema de capitalização, vem sendo cada vez mais explorado nos protestos de repúdio à reforma ao longo das últimas semanas.

Ao menos duas manifestações públicas movimentaram o país, nos dias 8 e 22 março, ambas protagonizadas por mulheres, as mais prejudicadas numa eventual aprovação da reforma previdenciária. Na segunda mobilização, centenas de manifestantes – sindicalistas, professores e trabalhadores de todas as categorias e idades – tomaram as ruas das principais capitais. “Tivemos um exitoso 22 de março, dia nacional de greves, paralisações, atos e protestos, que demonstrou que temos espaço para avançar. Vamos entrar no

mês de abril com um abaixo-assinado nacional, organizado por todas as centrais sindicais, que vai estimular todas as entidades a reproduzir e passar para suas bases, o que cumpre um papel de organização e de agitação, de gerar o debate a respeito do futuro da previdência social e da seguridade no Brasil. Logo vai ter o primeiro dia de greve geral, é irreversível, agora isso está em sintonia com o calendário do Congresso”, adianta Claudir Nespolo, presidente da CUT-RS.



Foto: Igor Sperotto



# General explica a paranoia dos militares



Fotos: Arquivo pessoal

---

por Marcelo Menna Barreto

Com a propriedade de quem veio de uma família com tios participantes do movimento Tenentista; um que foi lutar na Guerra Civil Espanhola e outro que participou do levante da Aliança Nacional Libertadora em 1935, o general de Brigada reformado Bolivar Marinho Soares de Meirelles diz: "Eu acho que eu entrei pra escola de cadetes já rebelado". Expulso do Exército seis meses após o golpe de 1964, por não concordar com a ruptura institucional, fez sua carreira fora das Forças Armadas até ter o reconhecimento de sua patente devida pelo Supremo Tribunal Federal. Uma carreira, aliás, bem extensa. Licenciado em Ciências Sociais, mestre em Administração Pública, doutor em Ciências em Engenharia e pós-doutor em História Política, o general Bolivar diz ter uma dívida com o povo brasileiro: apresentar com clareza o que foi o período de exceção vivido no Brasil de 1964 a 1985.

"Quem me fez general, na realidade, foi o povo. Foi dentro das instituições da democracia e do Estado de Direito que eu cheguei a general"

**Extra Classe – Como o senhor viu a determinação do presidente Bolsonaro para que os quartéis comemorassem a data do 31 de março?**

**Bolivar Meirelles** – Eu acho que isso foi um absurdo! Inclusive utilizando recursos do povo brasileiro para festejar algo que foi nitidamente um golpe de Estado, reconhecido por quase todos os historiadores. É uma vergonha para o Brasil esse “festejo” aí do capitão Bolsonaro. Mas o absurdo e a vergonha para o Brasil também é internacional e caracterizou-se no repúdio à visita que ele fez ao Chile, lembrando os tempos do Pinochet, festejando, não é? E no Paraguai também com aquele eterno ditador, o Strossner. Um homem que disse que queria 30 mil mortos no Brasil e defende tortura, e torturador é um retrocesso muito grande.

**EC – O senhor diz que é de uma época que ainda existiam militares nacionalistas. O que aconteceu com eles?**

**Meirelles** – Foi feita uma raspagem ideológica com o golpe de 1964 que expulsou das Forças Armadas, por reforma, por demissão, vários quadros militares. Eu saí como segundo-tenente, com 24 anos de idade. Quer dizer, o Brasil investiu em mim e eu fui fazer a minha carreira que chegou a general de Brigada aqui fora, reconhecido pelas leis brasileiras até no Supremo Tribunal Federal. Por isso eu tenho uma dívida com o povo brasileiro: colocar essas questões com clareza porque quem me fez general, na realidade, foi o povo. Foi dentro das instituições da democracia e do Estado de Direito que eu cheguei a general.

**EC – E antes do golpe?**

**Meirelles** – Existiam militares nacionalistas no pré-golpe de 1964 e, se olharmos a história do Brasil, grande parte da luta pelo monopólio estatal do petróleo foi no Clube Militar. Ali se tinha um general Horta Barbosa, o líder da corrente que propugnou a luta pela implantação da Petrobras. Mas por outro lado, entreguista, você também via um Golbery do Couto e Silva, o general Juarez

Távora que, com receio do “comunismo internacional”, como eles colocavam, pretendiam entregar nossas riquezas estratégicas ao império norte-americano. Uma visão consolidada no golpe de 1964 pela figura, ao meu ver, execrável, do marechal Castello Branco, que era um entreguista notório.

**EC – Coexistiam, então?**

**Meirelles** – Sim. Mas veja só: entre os golpistas de 1964 também tinha uma corrente que era contra o entreguismo. O próprio Geisel, que era uma pessoa de direita e que matou grande parte dos dirigentes do PCB – aliás partido que não participou da luta armada – tinha um viés nacionalista. Ele acabou com o acordo militar Brasil-Estados Unidos e fez acordo com a Alemanha para implantar a questão nuclear no Brasil. Então, existem essas contradições dentro das Forças Armadas.

**EC – O senhor diz que não vê hoje nenhum oficial de patente superior confrontar a chamada corrente entreguista. O que houve com a mentalidade nacionalista dos militares brasileiros?**

**Meirelles** – O que houve nas Forças Armadas foi um processo de lavagem cerebral. A realidade é esta. No meu tempo de cadete, nos idos de 1959 a 1962, eu já sentia que estava havendo uma mudança. Quando entrei em 1956 na preparatória de cadetes em São Paulo, a tese principal de conflito era do Brasil com a Argentina. Veja que imaginação! Depois com o passar do tempo, quando Fidel Castro faz a revolução em Cuba, reavivam a tese do anticomunismo e vem sendo criada uma expectativa de que inimigos internos seriam potenciais formadores da revolução no Brasil. É uma mentira deslavada que vem sendo repetida aos jovens não só nas escolas militares de nível superior, mas também na formação dos praças.

**EC – A ideia do “inimigo interno” vem daí, então?**

**Meirelles** – Na realidade, esse resíduo anticomunista é nítido na formação do militar desde 1935, quando há o levante da Aliança Nacional Libertadora, onde inven-

taram que mataram gente dormindo nos quartéis para tumultuar. Ora, já havia acontecido no Nordeste dois levantes, já tinha arrebitado um movimento nos quartéis na Praia Vermelha; ninguém estava mais dormindo. A tropa estava em alta prontidão e vigilância. Houve heróis dos dois lados.

**EC – E a dita “Revolução de 1964”?**

**Meirelles** – Não houve revolução nenhuma! Não se mudou o estabelecimento do regime burguês; o que eles mataram foi a democracia burguesa e o Estado de Direito. Agora – veja você a contradição – a definição de guerra revolucionária era traçada exatamente para atacar os levantes de caráter marxista-leninistas, como eles colocavam; mas quando deram o golpe de Estado em 1964, não quiseram assumir a posição de golpistas. Chamaram de revolução. Realmente foi um golpe de Estado formulado pelo império norte-americano, com os grandes monopólios nacionais e internacionais vinculados com as estruturas das Forças Armadas no Brasil e na América Latina, onde ocorreram vários golpes.

**EC – O senhor fala em outras contradições também. Quais?**

**Meirelles** – Antes eles (os golpistas) diziam que defendiam o pensamento ocidental cristão. Mas perderam o cristão porque os cristãos também, alguma parcela deles, se jogaram na luta em defesa da liberdade dentro da pátria brasileira. Eu não sou religioso, mas, por exemplo, alguns dominicanos heroicos que nada tinham de marxista-leninistas, vinculados ao pensamento de Jesus de Nazaré e daqueles que militavam com ele contra o Império Romano e contra o domínio das camadas altas da sociedade na defesa do povo, desmascararam essa ideia de guerra de característica marxista-leninista. O que aconteceu com esses dominicanos? Alguns foram massacrados, como o frei Tito que acabou morrendo na França. Então, como não poderia mais ter a característica de uma luta contra o comunismo, aí então inventaram o termo subversão. Os subversivos.

**EC – Na Argentina e no Chile há exemplos de militares que foram parar atrás das grades após as respectivas ditaduras. Qual a lição de casa que esses países fizeram que o Brasil não fez?**

**Meirelles** – Nós não fizemos a revisão desse período no Brasil. A anistia que foi feita em 1979 foi uma anistia negociada com o governo Figueiredo. No Chile, na Argentina, os torturadores foram presos. Aqui no Brasil, nenhum desses generais e coronéis da ditadura foram responsabilizados. Até o Supremo Tribunal Federal quis a anistia como um esquecimento. Isso ainda é uma mácula na história do Brasil. Veja só, esse capitão Bolsonaro e o próprio vice-presidente defendem a figura do torturador Ustra! Um cara que massacrou, que torturou mães na frente de filhos; um tarado! E esse capitão ainda vai pra fora defender torturadores de lá. Isso pega mal!

**EC – Na formação de nossos militares ainda está incutida a ideia de que as Forças Armadas salvaram o país do comunismo em 1964. Por que após tantos anos de redemocratização isso continua?**

**Meirelles** – Porque nós fizemos uma transição negociada. Nós não derrotamos, na realidade, os golpistas de 1964. Não houve uma interferência nas formações militares de forma a apagar essas questões. Você teria que ter uma visão crítica, histórico-crítica dentro das Forças Armadas. Não só mudança de currículo e programas, mas também de instrutores. Não adianta só mudar a forma, mudar o conteúdo, sem saber quem é que vai dar as aulas.

**EC – Diz-se que militares brasileiros que participaram na campanha da Segunda Guerra Mundial voltaram da missão com uma outra visão de mundo: uma geração que participou ativamente dos processos políticos que culminaram com o golpe de 1964. Qual a sua análise?**

**Meirelles** – Olha, precisou vir o presidente dos Estados Unidos aqui, o Roosevelt, para fazer o Brasil se colocar contra o Eixo, contra o nazi-fascismo. Alguns foram pra



guerra, alguns se submeteram. O Goes Monteiro era simpatizante do nazi-fascismo, o Dutra era, o Filinto Muller era e o Getúlio era aquele vacilante que ora namorava com um, ora com outro. Ganha a guerra, dois fenômenos vão se dar. Um é a composição de alguns quadros tipo Castelo Branco, profundamente vinculado ao pensamento norte-americano. Então, é claro que, quando se sai daqui, deixando o Estado Novo instalado, um regime ditatorial ainda remanescente do Getúlio, a imaginação de superação disso vai se dar.

**EC – Mas Getúlio inicia nesse período um destensionamento do Estado Novo, não?**

**Meirelles** – Sim. O Getúlio declara o fim do Estado Novo e abre as prisões. O Luis Carlos Prestes é colocado em liberdade em 1945 e tem um encontro – até articulado pelo meu tio, Silvio Meirelles, que tinha saído há pouco tempo da cadeia – com o Eduardo Gomes e Juarez Távora. Queriam que o Prestes participasse de um movimento de derrubada do Getúlio. O Prestes diz então: eu passei esses anos todos preso e vocês fizeram as suas carreiras; agora que o Getúlio deu anistia política e está liberando a formação de todos os partidos, até do Partido Comunista Brasileiro, abre eleições gerais, com uma Constituinte, como é que eu vou participar dessa derrubada? Claro que o Castelo Branco, que tinha vínculos formados com os comandos norte-americanos, cujo embaixador era também um dos articuladores da derrubada de Getúlio, vem com essa ideia de participar.

**EC – O senhor falou de dois fenômenos. Qual o segundo?**

**Meirelles** – O grande prestígio que a União Soviética sai da guerra. Na realidade, quem primeiro chega ao território alemão, que vai libertando com a passagem do Exército Vermelho ali é a União Soviética. Perderam 20 milhões de pessoas dentro do processo da guerra. Falam de 6 milhões que morreram nos campos de concentração nazistas, os judeus em especial, mas pouco se fala das baixas na União Soviética.

**EC – Quais as reações a esse prestígio?**

**Meirelles** – Passados os tratados pós-Segunda Guerra, o Churchill faz um discurso na cidade de Fulton, nos Estados Unidos, já caracterizando o clima de Guerra Fria. Há um rompimento e aí começam a ser elaboradas todas as teorias anticomunistas que já vinham de 1935 aqui, mas mais acirradas contra um companheiro de lutas para derrotar o nazi-fascismo que vira o adversário colocado frente aos Estados Unidos, aliás, sempre retardatários ao entrar nas guerras mundiais. Na primeira e na segunda, quando acabam fazendo aquele crime com ela praticamente acabada: trocam o bombardeio de Pearl Harbor por duas bombas atômicas jogadas no Japão. Na realidade, uma mensagem que queriam dar para a União Soviética que rapidamente também foi lá e construiu suas bombas atômicas.

**EC – E no Brasil?**

**Meirelles** – Em 1948, depois da guerra, através dos generais Albino e Cordeiro de Farias, que foram golpistas também na derrubada do Getúlio de 1945, é criada a Escola Superior de Guerra, dentro da matriz do *War College* norte-americano. Só que lá nos Estados Unidos, a formação vai do mundo civil, dos empresários, para as Forças Armadas; aqui foi transportada das Forças Armadas americanas para as nossas Forças Armadas. O Exército, principalmente, passa a ter duas características. Uma, de instrumento de repressão do Estado e, outra, de aparelho ideológico,

porque passa a ser um instrumento que influenciou também quadros civis. Carlos Lacerda tirou curso na Escola Superior de Guerra, que é aberta a civis também. É aí que a conspiração, antissoviética, vai se colocando na polarização entre as duas potências que saem da Segunda Guerra.

**EC – Hoje, temos uma leva de militares nos postos mais importantes da República que passaram pela missão brasileira no Haiti. Como o senhor vê isso? Teriam eles também retornado com outra visão de mundo?**

**Meirelles** – Eu tenho a impressão de que isto é uma questão de geração. O militar também tem essa angústia do nada fazer. Não tem missão, não tem guerra; não tem o que fazer. Está sempre se preparando para algo que não vem. Então fica inventando guerras também. Esse é um quadro mais amplo que se coloca. A missão no Haiti é um fato, mas é um quase alinhamento militar brasileiro ao pensamento dessa, que eles chamam, democracia ocidental cristã. O que Cristo tem a ver com o raio da democracia dita burguesa? A democracia burguesa é um estágio, uma passagem da luta de classes permanente da burguesia contra o trabalhador. Quando eles não conseguem resolver no estágio da democracia burguesa, eles dão golpes, como aqui, na Argentina, no Chile. Eles conseguiram conviver com a democracia de Allende? Allende não estava fazendo revolução. Ele era um socialista no governo, mas ele

não estava fazendo uma revolução socialista no Chile. Jango era um trabalhista no governo, mas não estava fazendo uma revolução socialista. Isso é uma visão distorcida.

**EC – O senhor falou agora da “angústia do nada fazer”. Por que, então, com toda essa incitação de Trump, Bolsonaro e seus filhos e os militares brasileiros não querem uma intervenção na Venezuela?**

**Meirelles** – Primeiro, que uma guerra contra a Venezuela será um *Vietnãzão* que pode ocasionar guerras nas retaguardas dos países agressores. Quem diz que não vai haver movimentos contrários no Brasil? Quem diz que não vai haver movimentos contrários na Colômbia? A Colômbia teve as Farcs, com seus 50 anos de luta. E uma luta de floresta também. O americano, se entrar lá, vai ter “presunto” americano – presunto no sentido de morto americano – devolvido aos Estados Unidos. Vai morrer muita gente. Isso numa questão de curto prazo. Depois, os militares brasileiros têm uma certa razão. Eles sabem que não têm condições de confronto hoje com as Forças Armadas venezuelanas, sem contar que o povo venezuelano está armado. A milícia na Venezuela tem outra característica. Não é essa milícia de vagabundos que a gente tem aqui, que o senador filho do presidente está nitidamente vinculado. Lá a milícia é civil armada como as milícias libertárias de Barcelona na guerra civil espanhola.

O que houve nas Forças Armadas foi um processo de lavagem cerebral. A realidade é esta

Foto: Arquivo Nacional/ Reprodução



# Todos os ângulos da reforma da Previdência

O site do jornal *Extra Classe* preparou um especial sobre a reforma da Previdência. São colunas, entrevistas e reportagens que trazem o detalhamento da proposta enviada pelo governo ao Congresso Nacional. Veja alguns dos destaques disponíveis em [www.extraclasse.org.br](http://www.extraclasse.org.br).

## Professores se aposentarão com mais idade e menor benefício

Foto: Agência Brasil



Mulheres são as mais atingidas; professoras e funcionárias de escola que ingressarem após a reforma terão maior aumento na idade para poder se aposentar.

## CNBB critica reforma da Previdência

Conselho afirma que a PEC 06/2019 sacrifica os mais pobres, penaliza mulheres e trabalhadores rurais, e clama por valores ético-sociais e solidários.

Foto: Vatican News / Divulgação



## Ivan Valente: “Os deputados sabem que a reforma da Previdência é danosa”

Deputado federal acredita que o governo não tem votos suficientes para aprovar a proposta de reforma da Previdência.

## Sinpro/RS Debate analisa reforma da Previdência

Mulheres são as mais atingidas; professoras e funcionárias de escola que ingressarem após a reforma terão maior aumento na idade para poder se aposentar.

## Previdência de militares deverá manter privilégios

Foto: Marcos Corrêa/ PR



Com déficit previdenciário de R\$ 44,3 bilhões em 2019, as Forças Armadas escutam Bolsonaro propor “sacrifícios” à tropa, cientes de que isso ficará só no discurso.

## FATTORELLI

### Reforma da Previdência: por que o governo impõe modelo que está dando errado no mundo todo?

A PEC 06/2019 representa graves danos às contas públicas, aos direitos sociais e destrói a seguridade social.

## MOISÉS MENDES

### O que pode ser pior do que Bolsonaro?

Haverá criatura capaz de superá-lo como indivíduo que chegou ao mais alto cargo do país para inverter valores essenciais da humanidade?

## CARMEN SILVEIRA

### Vai ter listão feminino, sim!

O *Vai ter shortinho, sim!* foi a palavra de ordem no início de 2016, neste ano o foco poderia ser sintetizado pelo *Vai ter listão feminino, sim!*

## GRABOWSKI

### A conspiração da Lava Jato da educação

Para o colunista, é preciso optar entre a ignorância e o conhecimento, entre as escolas como espaços de formação ou como centros de moralismo e religião privada.

## SELEÇÃO DO EDITOR

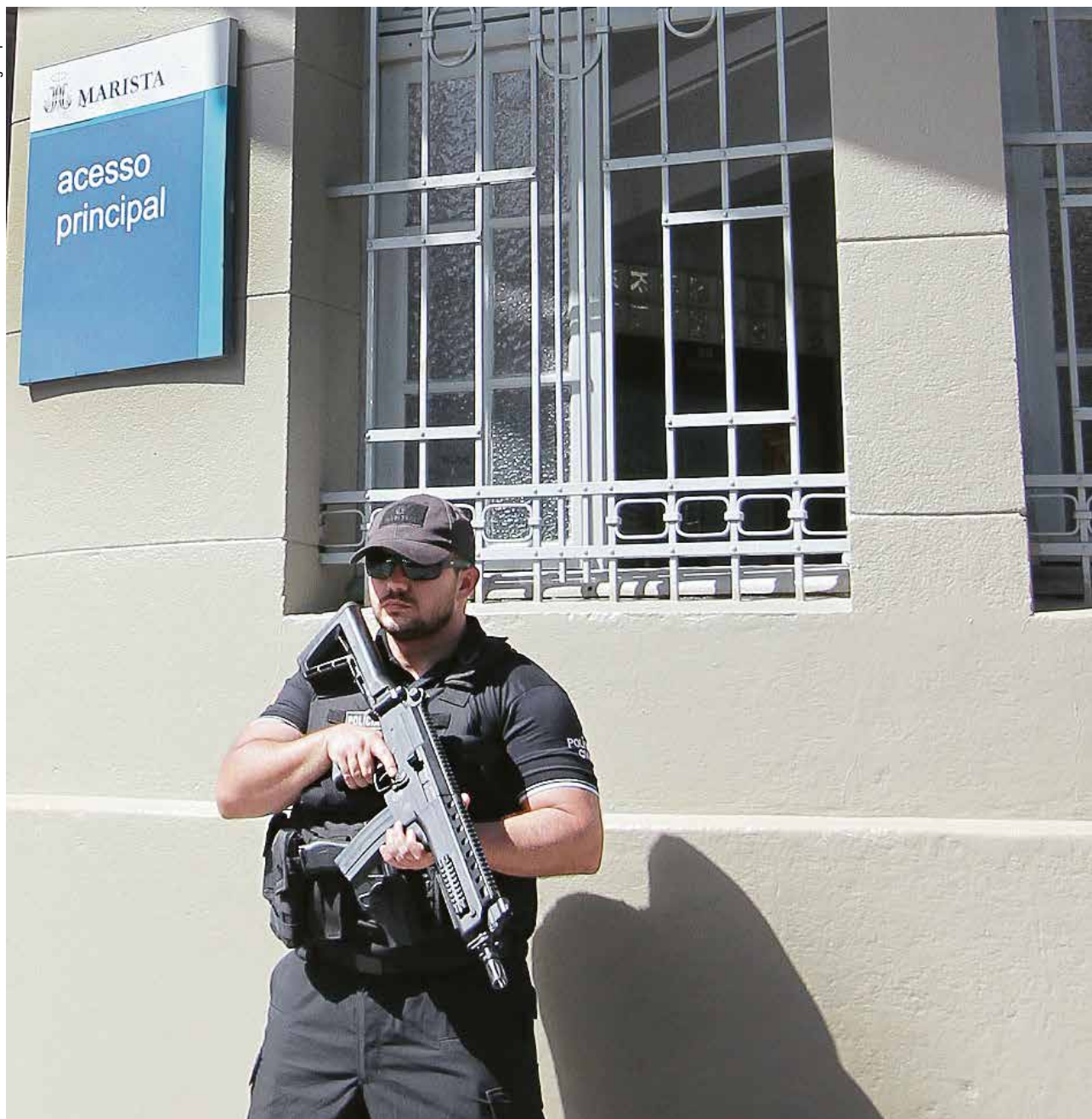
Os editores do Extra Classe selecionaram o que foi destaque no último mês na sessão *Exclusivo!Web*. Para ler mais, acesse [www.extraclasse.org.br](http://www.extraclasse.org.br) e receba as notificações diárias com conteúdos produzidos exclusivamente para o site do jornal.



# Ameaças e terror psicológico na escola

*Atos extremos de violência como a chacina de Suzano, São Paulo, em que dois adolescentes invadiram a escola Raul Brasil, na manhã de 13 de março, armados com pistolas e armas “medievais” matando sete pessoas e ferindo outras 11; e ameaças de ações semelhantes planejadas em fóruns de discussões na deep web, como a que envolveu a Rede Marista em Porto Alegre, no final do mês, podem estar relacionados a uma patologia própria de certas formações sociais ou a motivações diversas e muito isoladas. No entanto, é muito provável que estejam germinando no discurso de ódio que se disseminou pelo país com a ascensão e institucionalização do pensamento de extrema-direita*

Foto: Igor Sperotto



por Gilson Camargo

O historiador e doutor em Ciências Sociais pela PUCRS e professor visitante do Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Ufrgs, Hugo Arend, recomenda cautela a qualquer análise sociológica desses ataques e dissocia o caso extremo de Suzano dos demais episódios em que os ataques não passaram de ameaças – caso do Colégio Rosário e do Campus do Vale da Ufrgs, em Porto Alegre, e da Escola Estadual de Educação Básica Padre Fernando, em Roca Sales, todos ocorridos no mesmo mês. “Há algumas analogias e inferências possíveis, mesmo que provisoriamente. A primeira analogia quan-

to aos ataques na escola de Suzano são as corriqueiras chacinas nas escolas norte-americanas: jovens fortemente armados adentram os estabelecimentos de ensino, matam quase aleatoriamente e, ao final, cometem suicídio. Esse tipo de evento é raro no Brasil e em muitos outros países. Pode-se dizer que se trata de uma patologia social própria de certas formações sociais onde os indivíduos sentem que a sociedade deve a eles mais do que eles recebem”, analisa. Nesse caso, o protagonista parece cobrar da sociedade algo que lhe falta em termos de bem-estar. “Há uma evidente frustração e cobrança desses indivíduos em relação à sociedade, cujo microcosmo, para

um jovem, é sua instituição de ensino. E notemos que são homens, heterossexuais e brancos. Não há coincidência quanto a esse perfil”.

No que diz respeito às ameaças à rede Marista e à Ufrgs, afirma, as inferências mudam, até porque não há dados suficientes para analisar. “O que sabemos é que na Rede Marista houve uma forte manifestação contra o presidente Bolsonaro e contra o fascismo; mães e pais se mobilizaram para fundar a Associação de Mães e Pais pela Democracia, enfim, a escola foi palco de resistência ao fascismo e aos projetos excludentes que o governo pretende impor”, explica Arend. O professor contrapõe que, entre mães e pais

de alunos do Rosário, também há pessoas dedicadas a destruir qualquer forma de representação democrática ou inclusiva. “São pessoas bem articuladas e poderosas e que muito se beneficiam do discurso do ódio, da exclusão e da necessidade da segurança se impor sobre as liberdades. As ameaças vêm favorecer o discurso de ódio, as necessidades de controle e vigilância, a privação das liberdades democráticas, como vimos com a imposição de homens fortemente armados nas portas da escola numa clara militarização da vida civil, como se isso fosse resposta ao problema mais denso e complexo que está no fundo”, avalia.



## Quando o ódio se torna socialmente aceitável

São comportamentos que não passam por questões de influência ou causa, mas são derivados de certas condições, ressalva o professor da Ufrgs. "Conjuntos de condicionantes que motivam certos comportamentos, os encorajam e alimentam. É inequívoco que ter na presidência da República um homem que abertamente defende a tortura, defende milícias, faz apologia ao estupro, afirma que negros, índios e pobres são pessoas inferiores e que não merecem os devidos cuidados de políticas públicas e cujo símbolo de campanha é um gesto da "arminha" não ajuda em nada", esclarece, referindo-se ao gesto de campanha do candidato e de seus simpatizantes, e que se manteve no comportamento do presidente Jair Bolsonaro.

Para o historiador, comportamentos violentos e discursos de ódio que estavam hibernando na

sociedade brasileira encontraram na ascensão do ex-capitão do Exército o momento para se tornarem explícitos. "Se é possível que um candidato à presidência ou um presidente diga e faça o que ele diz e faz, então, eu também posso", ilustra. "Torna-se socialmente aceitável proferir o ódio, a exclusão e agir com violência contra todos os diferentes. E, note-se: esses discursos de ódio, violência e exclusão se dão entre pessoas das camadas mais baixas da sociedade. Não são discursos e práticas que agem de cima para baixo – apesar de também haver esse movimento vertical. São discursos e práticas que visam destruir, combater e matar os vizinhos, horizontalmente, os que estão logo ali do outro lado da rua. Não há um ódio do pobre contra o rico, mas do pobre contra o pobre, da classe média contra a classe média.

Quem ganha com esses discursos e práticas são justamente os ditos "donos-do-poder", aqueles que se beneficiam das políticas de segurança que dividem a população

em amigos e inimigos, pessoas de bem e criminosos. Para o poder estabelecido, nada melhor que divisão e cizânia entre os dominados e explorados", aponta.



Foto: Acervo pessoal

Hugo Arend recomenda cautela a qualquer análise sociológica desses ataques e dissocia o caso extremo de Suzano dos demais episódios em que os ataques não passaram de ameaças

## Quem ganha com o clima de medo no ambiente escolar

Se por um lado é incerto que haja motivação política para os casos pontuais de ameaças ou invasões de escolas, "é inegável que certos grupos políticos se beneficiam claramente de toda essa atmosfera de militarização e securitização da vida civil" e que "a maior ameaça a esses grupos, no momento, são os projetos democráticos e alternativos". Em 2018, o Movimento Brasil Livre,

articulado por figuras como o deputado federal Kim Kataguir e o vereador de São Paulo, Fernando Holliday, lançou um braço para a formação de jovens liberais para disputar espaços nos diretórios acadêmicos e competir com a União Nacional dos Estudantes (UNE). Isso poderia ter alguma relação com os ataques? "Em primeiro lugar, o MBL não é liberal.

O MBL é fascista. Não tem o

menor comprometimento com uma agenda liberal. Ele é ultraneoliberal, o que significa "fascista", ou melhor, neofascista. "Neo" porque ele não se pretende de massas e não se sustenta em uma base popular trabalhista sólida para se manter no poder ou galgar posições. O MBL faz alianças com o grande capital e poderosos grupos financeiros e industriais para se manter no

poder. É possível que haja articulações diretas ou indiretas de partidos políticos ou de membros de certas facções políticas de extrema-direita no ataque à escola de Suzano e às ameaças à Rede Marista e à Ufrgs. É cedo para dizer. Mas em um país cujo presidente tem uma vida íntima ligada a milicianos acusados de assassinar uma vereadora, nada deve surpreender", conclui.

Cuidar da saúde deve ser uma preocupação de cada um.  
Oferecer os melhores planos para isso é Sinpro/RS.

Planos de saúde e odontológico disponíveis para sócios e dependentes. Saiba mais em: [sinprors.org.br/saude](http://sinprors.org.br/saude) | 051 4009.2930 | [convenios@sinprors.org.br](mailto:convenios@sinprors.org.br)







por Flávia Bemfica

*Polêmicas quase diárias nas redes sociais, posturas incompatíveis com a função, gafes na política externa e tentativas de revisionismo de fatos históricos marcam os primeiros cem dias do governo de Jair Bolsonaro. Enquanto isso, o desemprego aumenta, a economia não avança e a Educação está paralisada*



Foto: Alan Santos/PR

# de Bolsonaro

## Caso Fabrício Queiroz



Foto: Reprodução web

Queiroz, fazendo arminhas com as mãos, com os Bolsonaro em confraternização de amigos

Em dezembro O Estado de São Paulo revela que o Coaf apontou movimentações atípicas e incompatíveis (R\$ 1,2 milhão) em contas de Fabrício Queiroz, ex-policia

sonaro, Flavio Bolsonaro (PSL/RJ), quando este era deputado e amigo da família. Um depósito de R\$ 24 mil foi para a primeira-dama Michele Bolsonaro. O *Jornal Nacional* mostra que oito funcionários repassavam dinheiro a ele, em datas próximas ou de pagamento na Alerj. Entre eles sua filha, Nathália Queiroz. Ela trabalhou para Flávio e depois para Bolsonaro na Câmara, em Brasília, até outubro. No mesmo período, era *personal trainer* no RJ. O MP do RJ investiga prática de 'rachadinha', quando funcionários devolvem parte dos salários, e existência de fantasmas. Queiroz falta a dois depoimentos alegando motivos de saúde, mas dá entrevista ao SBT dizendo que negociava carros. Viraliza nas redes seu vídeo dançando durante internação. Flavio não vai depor e tenta transferir seu caso para o STF, sem sucesso. O *Globo* publica que a movimentação financeira do assessor chegou a R\$ 7 milhões de 2014 e 2017. Em janeiro, o *Jornal Nacional* mostra que o Coaf identificou 48 depósitos suspeitos na conta de Flavio em um mês. Queiroz envia depoimento por escrito. Alega que gerenciava salários de outros servidores e usava parte para contratar informalmente pessoas e turbinar a atuação de Flávio, sem o conhecimento deste. A investigação segue.



## Candidaturas suspeitas e queda de Bebianno

LARANJAS



Em fevereiro a *Folha de São Paulo* publica série de matérias sobre candidaturas de “laranjas” no PSL nas eleições de 2018. Primeiro surgem os casos em Minas Gerais, onde o atual ministro do Turismo, Marcelo Álvaro Antônio, então presidente estadual, teria patrocinado o esquema. Na sequência, é revelado caso em Pernambuco. A situação atinge o ministro da Secretaria Geral da Presidência da República, Gustavo Bebianno. Então muito próximo de Bolsonaro, Bebianno ocupava a presidência nacional do PSL na campanha, respondendo pelos repasses. Bebianno assegura que não há crise e que falou com o presidente, então internado no hospital Albert Einstein. Mas o vereador Carlos Bolsonaro (PSC/RJ), segundo filho do presidente, desmente Bebianno via *twitter*, dizendo que ele não falou com o pai, e divulga um áudio do último. Bolsonaro compartilha as mensagens do filho nas redes sociais. Em entrevista à *Record*, reafirma que não falou com o ministro. Bebianno é exonerado. Na sequência, a *Veja* publica conjunto de áudios que comprovam que Bebianno falou com Bolsonaro pelo *WhatsApp*. Neles o ex-ministro atribui ao deputado federal Luciano Bivar, que domina a sigla em PE e só deixou a presidência nacional na campanha, a responsabilidade pelo caso no estado. Em MG as investigações estão com a PRE e a PF. Em PE o TRE autoriza abertura de inquérito pela PF.

## Política externa

PRESENTES



## Caso Marielle e proximidades com criminosos

Em março a Polícia Civil e o MP do Rio de Janeiro prendem o PM reformado Ronnie Lessa e o ex-PM Elcio Vieira de Queiroz pelos assassinatos da vereadora Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes. Lessa seria o autor dos 13 disparos e Queiroz estaria dirigindo o carro. Movimentos nacionais e internacionais cobram a identificação dos mandantes. A informação de que Lessa morava no mesmo condomínio de Bolsonaro, na Barra da Tijuca, e uma foto do presidente com Queiroz geram novas especulações sobre a proximidade da família Bolsonaro com as milícias. Em janeiro, em outra operação, sobre a atuação das milícias em Rio das Pedras, zona oeste do Rio, a polícia e o MP haviam prendido o major Ronald Paulo Alves Pereira. Outro alvo, o ex-capitão do Bope Adriano Magalhães da Nóbrega, fugiu. Nóbrega foi homenageado duas vezes por Flávio Bolsonaro (PSL/RJ) na Alerj. Em 2003, uma moção de louvor. Em 2005, preso, a *Medalha Tira-dentes*, a mais alta honraria da Assembleia. Em 2007 sua esposa começou a trabalhar no gabinete de Flávio, onde ficou até novembro. A mãe do ex-Bope também ocupou cargo no gabinete até novembro, e está entre os que depositaram dinheiro na conta de Fabrício Queiroz. Para Pereira, em 2004, Flávio também pediu moção de louvor. Na época o major já era apontado como autor da chacina de Via Show. Em 2015 Flávio foi o único deputado a votar contra a CPI dos autos de resistência. Em 2018 outra funcionária sua na Assembleia, irmã de dois milicianos presos (ambos ex-policiais), recebeu autorização para assinar cheques de despesas da campanha ao Senado.



Valdenice de Oliveira foi nomeada para trabalhar como assessora parlamentar do então deputado estadual Flávio Bolsonaro. Ela é irmã dos gêmeos Alan e Alex Rodrigues de Oliveira, presos em agosto na Operação Quarto Elemento, que apurou um esquema de extorsões praticado por policiais

Em janeiro, em sua estreia no exterior no *Fórum Econômico Mundial* em Davos, Bolsonaro faz um discurso curto (6 minutos) e superficial. Em fevereiro, em ato em Itaipu, chama Alfredo Stroessner de estadista. O ditador comandou o Paraguai de 1954 e 1985: além das prisões, torturas, exílios e mortes, protagonizou casos de pedofilia e abuso sexual e era próximo ao narcotráfico. Em março, a visita aos Estados Unidos é marcada pela admiração incontida de Bolsonaro a Donald Trump. O brasileiro anuncia medidas de como abrir mão das condições diferenciadas que tem na OMC, isentar norte-americanos de visto e conceder a base de Alcântara. Em troca recebe promessas de apoio. Em entrevista à *Fox News*, diz que a maioria dos imigrantes não têm boas intenções. Seu filho, o deputado federal Eduardo (PSL/SP), afirma que brasileiros em situação ilegal nos EUA são uma vergonha. Neste mês de abril, em visita a Israel, Bolsonaro anuncia a criação de um escritório comercial em Jerusalém (no lugar da prometida embaixada) e quebra o protocolo diplomático, visitando o Muro das Lamentações acompanhado do primeiro-ministro israelense. O governo segue com posições ambíguas em relação à Venezuela e à China.



## Polêmicas no Twitter



Na terça-feira de Carnaval, Bolsonaro posta em sua conta no *twitter* um vídeo obsceno protagonizado por dois homens, ambos em cima de um abrigo de ponto de táxi. Durante a passagem de um bloco de rua em São Paulo um dos homens dança e introduz o dedo no próprio ânus. Na sequência, o segundo homem urina na cabeça do primeiro. Bolsonaro diz que "é isto que tem virado muitos blocos de rua no carnaval brasileiro". A postagem gera grande polêmica. Bolsonaro é criticado por postura incompatível com o cargo, por divulgar e republicar conteúdo pornográfico e por aumentar em muito o número de acessos, inclusive entre crianças. Inicialmente, a postagem não possuía o aviso de 'conteúdo sensível'. Um dia depois, de novo no *twitter*, Bolsonaro pergunta: "O que é *golden shower*?". O presidente e o país são motivo de piada na imprensa internacional. A defesa dos homens do vídeo ingressa com mandado de segurança no STF para que o presidente exclua as imagens. Bolsonaro apaga o vídeo e a pergunta.

## Golpe de 1964 e nazismo

No final de março, Bolsonaro determina a realização de 'comemorações devidas' para o golpe de 1964, no dia 31, em unidades militares. A reação é forte. Para além da sociedade, ONU e Anistia Internacional se manifestam. A Defensoria Pública da União ingressa judicialmente contra a medida. A Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão emite nota pública. No dia 29 uma juíza da 6ª Vara Federal em Brasília proíbe a comemoração. A AGU recorre e uma desembargadora da 1ª Região derruba a proibição. Na prática, os quartéis fizeram seus eventos na sexta, 29. Publicamente, Bolsonaro recua, dizendo que falava em 'rememorar' e não 'comemorar'. No dia 31 o Planalto divulga por um número oficial de *WhatsApp*, acessado por jornalistas cadastrados, um vídeo celebrando o golpe. O número em geral envia mensagens de utilidade pública e notícias. No dia 2 um empresário assume a autoria do vídeo. Nem ele e nem o Planalto explicam como foi distribuído em canal oficial. A tentativa revisionista sobre o golpe não é

## Briga com Rodrigo Maia



Em 20 de março o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia (DEM/RJ) e o ministro da Justiça, Sérgio Moro, começam um embate público sobre a autonomia do Legislativo e a tramitação do pacote anticrime de Moro. No dia seguinte, a Lava Jato prende o ex-presidente Michel Temer (MDB) e o ex-ministro Moreira Franco (MDB). Moreira é sogro emprestado de Maia. Nas redes sociais, bolsonaristas atacam Maia. O deputado critica a falta de articulação de Bolsonaro no Congresso e abandona o papel de fiador da reforma da Previdência do governo. Bolsonaro, no Chile, vincula Maia à 'velha política' e diz que ele está com "problemas pessoais". O guru Olavo de Carvalho posta mensagens ofensivas a Maia no *twitter*. A Câmara aprova em votações-relâmpago a PEC que retira do governo poder sobre o orçamento. Uma semana após o início da crise, Maia tem encontros com Moro e com o ministro da Economia, Paulo Guedes. E tranquiliza investidores. Integrantes do Executivo e Legislativo falam publicamente em trégua. E, nos bastidores, em uma articulação sem Bolsonaro.



a única de Bolsonaro. Em Israel, após visita ao Museu do Holocausto, ele repete a tese bizarra usada por parte da extrema-direita para enganar perturbados: a de que o nazismo foi um movimento de esquerda.

## Hotel Casa do Professor e da sua família!

Com localização privilegiada, o Hotel Casa do Professor é a melhor opção em hospedagem para os professores associados ao Sinpro/RS e seus familiares. Escolha o motivo para vir a Porto Alegre e fique com a gente.

Mais informações: [casadoprofessor.sinpro.rs.org.br](http://casadoprofessor.sinpro.rs.org.br)  
Reservas: (51) 4009.2988

**SINPRO/RS**  
Sindicato Cidadão

**CASA do PROFESSOR**  
Hotel





# 1964 hoje: destruição do Estado-nação e afronta à Constituição

*As “comemorações” do 31 de março, portanto, são celebrações da morte, da tortura, da violação de direitos humanos fundamentais e da democracia*

Foto: Fotos Públicas/Alessandro Dantas



O vice-presidente da República, Hamilton Mourão, definiu os cinco generais que conduziram a ditadura civil-militar instalada no país pelo golpe de 1964 como homens que “mudaram o nosso país” e que “enfrentaram o que tinha de ser enfrentado com coragem e determinação”. As declarações foram feitas no ato de comemoração dos 107 anos do Colégio Militar de Porto Alegre. Em seu discurso, Mourão citou os nomes de Castello Branco, Costa e Silva, Emílio Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo como homens que “ajudaram a forjar o destino do nosso Brasil”. Na mesma direção, o presidente Jair Bolsonaro determinou que as Forças Armadas “comemorassem” o 31 de março e definiu o golpe de 1964 como uma “Revolução Democrática”.

Ecoando a linha seguida pelos chefes do Executivo, o ministro chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, ao defender a proposta de reforma da Previdência apresentada pelo governo Bolsonaro, citou como exemplo as “bases macroeconômicas” fixadas pela ditadura de Augusto Pinochet, no Chile. No período Pinochet, o Chile teve que dar um banho de sangue (para “fixar essas bases macroeconômicas”). Triste. O san-

gue lavou as ruas do Chile.

As posições defendidas pelos atuais ocupantes do Palácio do Planalto representam uma afronta à Constituição Federal e ao Estado Democrático de Direito. Quem afirmou isso, de modo categórico, foi o Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, Enrico Rodrigues de Freitas, que expediu, dia 27 de março, um ofício aos comandantes de unidades militares no Rio Grande do Sul, recomendando que eles se abstenham de “promover ou tomar parte de qualquer manifestação pública, em ambiente militar ou fardado, em comemoração ou homenagem ao período de exceção instalado a partir do golpe militar de 31 de março de 1964”.

No ofício encaminhado aos chefes militares, o procurador lembrou que “a Constituição Federal de 1988 restabeleceu a democracia após o período entre 1º de abril de 1964 e 15 de março de 1985, durante o qual o país foi presidido por governos militares, com supressão das eleições diretas e dos direitos decorrentes do regime democrático, como direitos de reunião, liberdade de expressão e liberdade de imprensa”. E acrescentou: “a homenagem por servidores civis e militares, no exercício de suas fun-

ções, ao período histórico no qual houve supressão da democracia e dos direitos de reunião, liberdade de expressão e liberdade de imprensa viola a Constituição Federal, que consagra a democracia e a soberania popular”.

A atual Constituição brasileira, assinalou ainda o procurador, repudia o crime de tortura, considerado crime inafiançável, e prevê como crime inafiançável e imprescritível a ação de grupos armados, civis ou militares, contra a ordem constitucional e o Estado Democrático. Enrico de Freitas lembrou também que a Comissão Nacional da Verdade, com o poder a ela atribuído pelo Congresso Nacional, “reconheceu, em seu relatório final, a prática de graves violações aos direitos humanos no período entre 1964 e 1988 pelo Estado Brasileiro”.

As “comemorações” do 31 de março, portanto, são celebrações da morte, da tortura, da violação de direitos humanos fundamentais e da democracia. Somadas a elas as declarações de apoio ao que a ditadura de Pinochet fez no Chile para “fixar as bases macroeconômicas” de um modelo econômico ultraneoliberal, dão uma exata dimensão da natureza do governo Bolsonaro e do projeto

que ele representa.

Em seu novo livro, *Revolução e Contra-Revolução no Brasil: 1530-2018* (Coleção Coyoacan), o historiador Mário Maestri sustenta que, ao abraçar esse modelo, as classes dominantes nacionais renunciaram a qualquer ideia de autonomia ou de projeto de nação e entregaram a direção política do país ao grande capital e ao imperialismo. Estamos assistindo, diz Maestri, a “um desfibramento geral da nação e a submissão do mundo do trabalho e da população em geral a uma condição de escravidão assalariada”. Na avaliação do historiador, estão sendo criadas as condições para a destruição de qualquer vestígio de autonomia do Estado-nação. Não se trata mais de um regime semicolonial. É uma ordem que colonial globalizada, na qual as classes dominantes nacionais, após abrirem mão de algum grau de autonomia econômica, não tem mais sequer soberania política.

Retomando as palavras do procurador Enrico Rodrigues de Freitas neste contexto, o Brasil vive um dramático paradoxo: o governo do país está ocupado por homens cujas posições afrontam a Constituição e a própria ideia de nação.



# Ferro, tragédia e negócios da China

por Naira Hofmeister

*Exportações do minério para a China só cresceram após o rompimento da barragem de Mariana, em 2015. Colapso de Brumadinho elevou preços da commodity, o que pode compensar a conta de multas e indenizações milionárias que a Vale terá que pagar. Enquanto isso, a Vale segue produzindo sem percalços, inclusive em extrações controversas, como em Carajás, na Amazônia, em territórios indígenas, onde o impacto ambiental é alto e talvez irreversível. Em 1980, a indústria extrativa representava 6,4% do PIB do Brasil. Em 2017, segundo dados do IBGE, representava 4,3% do PIB, incluindo petróleo e gás. Considerando apenas a mineração (indústria extrativa mineral), o cálculo é de cerca de 1,4% do PIB (2017). Mas o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) avalia que esse número é subestimado e aposta que a mineração teria pelo menos 3,2% do PIB sozinha*



Foto: Vale/divulgação



MS



As câmeras de segurança do complexo mineiro do Córrego do Feijão, em Brumadinho, Minas Gerais, registraram o rompimento da barragem de rejeitos de uma das operações de minério de ferro da Vale pontualmente às 12h28min do dia 25 de janeiro. O efeito da lama foi devastador para o meio ambiente e para a sociedade: já são mais de 200 mortes contabilizadas até o final de março – e ainda há uma centena de desaparecidos.

A reação do mercado internacional, contudo, foi oposta. O preço pago por tonelada do mineral aumentou, especialmente depois do anúncio de que a Vale reduziria a oferta anual para desativar barragens de rejeitos construídas com a mesma técnica da que desabou.

Em fevereiro, as exportações brasileiras aumentaram quase 10%, segundo a média diária de embarques divulgada pelo Ministério de Minas e Energia. Somente na terceira semana de março o desempenho teve a primeira queda após a tragédia.

Três anos atrás, em novembro de 2015, foi a barragem da Mina do Fundão, em Mariana, também Minas Gerais, que veio abaixo, carregando sedimentos que mataram o Rio Doce – no maior desastre ambiental da história brasileira. Na ocasião, a trajetória crescente das exportações tampouco foi abalada. Pelo contrário, cresceu tanto em valores como e volume vendido no mercado internacional.

“Nos últimos 10 anos, o Brasil se tornou um dos principais produtores de minério de ferro do mundo, vendendo US\$ 15 bilhões por ano. É a nossa principal *commodity* mineral. Apenas a soja, que é agrícola, é mais vendida”, explica Mauro Rochlin, especialista em comércio exterior e professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O mundo não parece disposto a abrir mão do produto brasileiro e a Vale é beneficiada duplamente: a empresa detém quase 80% da exploração de minério de ferro nacional, e o mais importante, opera reservas de qualidade única no planeta – e essas não foram afetadas pelas tragédias de Brumadinho nem de Mariana, em 2015.



## O minério mais puro está na Amazônia

Minas Gerais é o estado líder na produção de minério de ferro no Brasil, com 59,2% do total explorado – o segundo colocado é o Pará, que responde por 40,25%. Mas essas posições tendem a se inverter, porque os depósitos em Minas Gerais já estão em operação há um século e o que sobrou para retirar da terra é um ferro impuro. O custo para extraí-lo também é alto, porque é preciso cavar mais fundo para encontrar o mineral.

Em contrapartida, a província mineral de Carajás, no sudeste do Pará, tem exploração muito mais recente: foi descoberta em 1967 e a produção começou em 1985. São jazidas únicas, que oferecem um minério com o mais alto teor de pureza do planeta, a um custo de exploração baixo. “Essa jurisdição é o futuro da indústria no Brasil”, assegura o Instituto Brasi-

leiro de Mineração (Ibram).

É nessa região que a Vale revolte o solo para extrair ferro, cobre e níquel, bem debaixo da Floresta Nacional dos Carajás e em cima de terras sagradas indígenas, em plena Amazônia brasileira. Conhecedora do impacto da atividade para o ambiente e o modo de vida dos povos tradicionais, a Vale financia a manutenção de cinco Unidades de Conservação na área e paga dividendos a diversas etnias e aldeias. Ainda assim, sobram questionamentos e ações judiciais contra a mineradora.

A venda de minério de ferro no mercado internacional leva em conta o índice de pureza do produto. O teor padrão é 62%, sendo que os compradores pagam prêmios quando o minério é superior e descontam no preço quando a mercadoria está abaixo desse nível. “A antiga Companhia Vale do Rio

Doce, estatal privatizada em 1997, sempre ganha prêmios porque a média de hematita (ferro puro) contida no minério que vende é de 64%”, explica o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto, um dos mais atentos comentaristas do assunto.

Segundo cálculos de Pinto, em 2014 a Vale recebia 1,75 dólar por cada ponto percentual acima desse patamar – e na época, a pureza do minério de ferro de Carajás era calculada em 64%. Mas em seu site, a própria Vale informa que “as rochas encontradas em Carajás são formadas, em média, por 67% de teor de minério de ferro (o teor mais alto do planeta)”.

Principal parceiro comercial do Brasil no mundo, a China é também o maior destino das exportações minerais brasileiras. No segundo semestre de 2018, o gigante asiático respondeu por 38% da

receita operacional da Vale, que opera em 16 portos do país.

Logo depois do rompimento da barragem em Brumadinho, os chineses revelaram que o prêmio pela pureza do minério de ferro poderia atingir patamares inéditos. A avaliação de especialistas indica que se a China continuar a crescer uma média de 6% ao ano e outros emergentes 5% ao ano, os preços não devem cair abaixo do patamar de US\$ 80 por tonelada. O colapso de Brumadinho pode aumentar esse índice para US\$ 100/t.

Ainda que essas previsões sofram abalos, o custo de extração do minério de ferro em Carajás é bastante inferior, girando entre US\$ 13 e 15 por tonelada – pela diferença entre os custos de produção e o valor de venda dá para calcular o bom negócio que é a extração de ferro no sudeste do Pará.

## Produção triplica durante crise de preços

Em 2019, se completam 52 anos da descoberta de Carajás, no dia 31 de julho. Uma equipe de geólogos procurava manganês para uma companhia de aço norte-americana em 1967. Ao fazer um pouso de abastecimento em uma clareira da Serra Arqueada, no sudeste do Pará, viram o solo avermelhado e perceberam que era ferro.

Quando a lavra foi iniciada, em fevereiro de 1985, os depósitos de minério de ferro eram calculados em 18 bilhões de toneladas. A Vale não atualiza a informação sobre quanto desse total já foi explorado. Tampou-

co revela se as reservas se confirmaram, diminuíram ou aumentaram.

“Esse número vai mudando muito com o tempo, mas certamente, hoje a vida útil da mina é bem menor”, observa o ex-superintendente da Agência Nacional de Mineração (antigo DNPM) no Pará, Carlos Botelho da Costa.

Divulgações do ano passado da mineradora estimavam a produção do Complexo de Carajás em 150 milhões de toneladas, mas esse dado talvez seja bem mais alto. Em outubro, o jornal *Valor Econômico* divulgou a expectativa da mineradora de

alcançar a marca dos 400 milhões de toneladas de minério de ferro produzidas em 2019 e chegar a 2020 com capacidade nominal de produção de 450 milhões de toneladas.

A revelação surpreendeu o mercado a ponto de exigir da Vale uma resposta formal à Bolsa de Valores, confirmando os números informados pelo jornal. “Está crescendo numa velocidade muito grande”, observa Botelho. A título de comparação, na época da descoberta de Carajás, a Vale já era uma das maiores empresas do Brasil, produzindo quase 11 milhões de tone-

ladas de minério de ferro por ano.

Dois fatores contribuíram para essa expansão de volumes: o substancial crescimento da China na década passada – agora mais tímido, mas ainda assim decisivo – e a crise econômica mundial de 2009, que derrubou os preços do minério de ferro. A cotação, que chegou a beirar os US\$ 200/t no pico de valorização (2011), caiu abaixo de US\$ 40/t (jan/2016) e a fórmula encontrada pelas mineradoras para manter os lucros foi aumentar a extração. “Quando não é o momento de maior preço, o volu-



A indústria extrativa já representou 6,4% do PIB do Brasil em 1980; em 2017, segundo dados do IBGE, representava 4,3% do PIB, incluindo petróleo e gás.

O saldo da balança mineral comercial brasileira tem registrado recorde sobre recorde, mas o crescimento se dá mais pela variação do dólar do que pela expansão da atividade. Em 2017, a expansão foi de 27%. A perspectiva para o fechamento de 2018 é ainda maior.

Foto: Vale/divulgação



me compensa”, complementa o ex-superintendente da ANM no Pará.

Segundo especialistas, os estoques da Vale fora do país duplicaram entre 2016 e 2017, o que agora pode assegurar a entrega mesmo com a interrupção na produção de algumas minas.

Não à toa, essa é a segunda substância com maior volume de processos minerários registrados – a primeira é o ouro, que é sempre a garantia em qualquer crise econômica. São 8.428 registros na Agência Nacional de Mineração

(ANM), somando 15,3 milhões de hectares requeridos.

O interesse no minério de ferro também pode ser medido pelas etapas em que se encontram esses processos. Atualmente, estão em atividade 368 minas de ferro no Brasil, que somam quase 222 mil hectares em exploração. Mas a área explorada vai praticamente dobrar nos próximos anos, porque há 187,5 mil hectares com início de atividade iminente, na última etapa de requerimento para produção na ANM.

Considerando apenas a mineração (indústria extrativa mineral), o cálculo é de cerca de 1,4% do PIB (2017). Mas o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) avalia que esse número é subestimado e aposta que a mineração teria pelo menos 3,2% do PIB sozinha.

A título de comparação, o agronegócio brasileiro, frequentemente mencionado como o motor da economia mesmo sob crises, detém uma fatia de 5% do PIB.

## Uma mina com barragem a seco



Foto: Ibram/divulgação

Projeto Carajás inclui extração de minério de ferro, beneficiamento, acessos e diques na Floresta Nacional de Carajás, no Pará

A principal operação em Carajás da Vale é chamada de Complexo S11D, a menina dos olhos

da mineradora cuja operação envolve a tecnologia mais avançada no planeta – o que reduz perdas

na linha de produção e assegura vantagens ambientais. Os caminhões, por exemplo, foram substituídos por esteiras que carregam o minério diretamente da área de extração até a usina de beneficiamento.

Outra novidade é o uso da unidade natural para “lavar” o minério, o que reduz o consumo de água em 93%, segundo a mineradora. A técnica assegurou a “eliminação de barragens de rejeito, já que o ultrafino de minério com alto teor de ferro, que iria para a barragem, não será descartado, permitindo que, em 30 anos de vida útil da mina, 300 milhões de toneladas sejam incorporados à produção”, propagandeia a Vale.

Entretanto, pertinho de S11-D

está a mina de Salobo, de cobre, cuja barragem é do mesmo modelo das que romperam em Mariana e Brumadinho – à montante com compactação de terra – razão pela qual os indígenas temem que um vazamento possa atingir suas aldeias, distantes cerca de 100 quilômetros do empreendimento.

O relatório da Agência Nacional de Águas (ANA) sobre a segurança das barragens no Brasil de 2017 classifica o reservatório de Salobo como sendo de alto nível de Dano Potencial Associado, o que indica que em um eventual acidente, o estrago na região poderia ser grande. Os Xikrin pedem que a Justiça interrompa a operação para garantir a segurança de suas aldeias e rios.



**SINPRORS**  
PREVIDÊNCIA



## DEIXE O LEÃO BEM MANSINHO.

- ➔ Faça agora seu plano de previdência e aproveite o benefício fiscal.
- ➔ Você pode deduzir até 12% da renda.

**LIGUE**

**(51) 99335. 2387**

[www.sinprorsprevidencia.com.br](http://www.sinprorsprevidencia.com.br)

GESTOR DO PLANO



**FUNDAÇÃO CEEE**  
PREVIDÊNCIA PRIVADA

INSTITUIDOR

**SINPRO/RS**  
Sindicato Cidadão



# Sinpro/RS Debate: a obscura reforma da Previdência

*A retirada dos preceitos constitucionais que asseguram as regras de proteção social e a implantação de um sistema de capitalização são os pontos mais obscuros da proposta de reforma da Previdência que o governo Bolsonaro quer impor aos brasileiros. O texto da PEC 06/2019 que está em análise na Câmara dos Deputados prepara um futuro de insegurança jurídica e sem aposentadoria digna a todos os trabalhadores, incluindo os professores do ensino privado, e especialmente os mais pobres e vulneráveis*

por Gilson Camargo

A Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 06/2019 representa a extinção do sistema de previdência pública e da seguridade social ao desvincular as regras de proteção social da Constituição de 1988 e prever a sua regulação por leis ordinárias, além de acabar com a possibilidade de aposentadoria para a maioria dos brasileiros, inclusive dos professores do ensino privado. Esse entendimento prevaleceu nas intervenções dos painelistas da segunda edição do *Sinpro/RS Debate*, com o tema *Reforma da Previdência e futuro da aposentadoria*, realizado pelo Sindicato, com apoio da Contee, Feteesul e CUT-RS. O evento lotou a sala Nova York do Hotel Embaixador, em Porto Alegre, na manhã de 30 de março.

O painel de abertura colocou em pauta a disputa do mercado financeiro pelo orçamento da Previdência com o tema *Reforma da Previdência: necessidade ou interesse*. O jornalista e auditor fiscal aposentado Vilson Romero, da coordenação da Frente Gaúcha em Defesa da Previdência, destacou a campanha massiva promovida pelo governo nos meios

de comunicação que "atordoa" os trabalhadores, mas não revela "as crueldades" contidas na proposta. "A capitalização e a desconstitucionalização representam o fim da Previdência", apontou. "Sabemos que há necessidades de ajustes na Previdência, mas há uma enormidade de ralos que não são solucionados por essa reforma". Um exemplo é a sonegação fiscal. "Em 2007, a Receita Federal tinha 4.180 fiscais, hoje não há mais que 600 pessoas voltadas para combater a sonegação, a inadimplência e os desvios na Previdência", alertou.

Em sua exposição, Lírio Segala, presidente da Federação dos Metalúrgicos, afirmou que a maioria dos trabalhadores não tem consciência sobre o conteúdo da reforma e que o projeto deixa muitas questões em aberto para serem resolvidas por leis ordinárias. "Se for aprovada a reforma da Previdência, seremos um país de indigentes, de velhos doentes, sem condições mínimas de sobrevivência. Nosso desafio é fazer com que o trabalhador se enxergue dentro da Previdência", disse.

O deputado Paulo Pimenta (PT/RS), que participou do debate, lem-

Foto: Igor Sperotto



brou que a PEC 06/2019 está inserida em um contexto de reestruturação do capital internacional, que abandonou as guerras para investir no domínio dos recursos naturais, petróleo, água, energia e terra para produzir alimentos, e novos mercados que se abrem com as privatizações. "No Brasil, assim como na América Latina, o grande capital enxerga um território rico em recursos naturais, um mercado extraordinário a ser explorado, que vale trilhões de reais, na área da saúde, da educação. A Previdência é o grande filé", resumiu.

As perspectivas de aposentadoria dos professores foi tema do segundo painel do evento. A economista do Dieese Anelise Manganeli projetou a comparação de aposentadorias pelo sistema em vigor e como seriam após uma eventual reforma do sistema. Ela alertou para a desconstitucionalização contida na proposta. "A reforma é um cheque em branco ao legislador. Joga todo o sistema para a regulamentação por leis complementares".

A advogada previdenciária Diana Lunardi dos Santos reforçou as críticas à desconstitucio-

nalização das regras de proteção social e destacou que as mudanças previstas não são do conhecimento da sociedade. "Hoje temos um mínimo de mobilização porque a infraconstitucionalização torna a lei mais difícil de alterar. Com a reforma, acordaremos no dia de amanhã sem saber o que está acontecendo com a nossa aposentadoria. Isso não está sendo debatido na grande mídia, que está abordando aspectos secundários e a população não sabe o que está acontecendo", alertou.

Tiago Kidricki, presidente da Associação Brasileira de Advogados (ABA), defendeu que "não vale a pena lutarmos em separado por uma categoria no texto da reforma da Previdência, porque todos são afetados". O advogado projetou exemplos de aposentadorias de trabalhadores privados e do setor público com base nas mudanças previstas no projeto e demonstrou as dificuldades impostas pelas regras de transição: "é uma regra de transição para inglês ver", criticou. "O que eles estão mostrando com esse texto é que não têm respeito pelo trabalho e pela expectativa de direito dos trabalhadores".



# Direitos garantidos durante negociação coletiva 2019

O Sinpro/RS e o Sindicato patronal (Sinepe/RS) acordaram a manutenção da vigência das Convenções Coletivas de Trabalho (CCTs) de 2018 durante o andamento das negociações coletivas 2019, iniciadas no dia 19 de março.

Com a decisão, os professores da educação básica e da educação superior terão garantidos todos os direitos assegurados pelas Convenções Coletivas, como prazos para pagamentos de salários, desconto para dependentes e planos de saúde.

“As Convenções Coletivas representam um importante patrimônio de direitos e garantias salariais e de condições de trabalho dos professores”, destaca Marcos Fuhr, diretor do Sinpro/RS. “Precisa ser compreendido e valorizado pelos professores e pelos empregadores, especialmente nesta nova realidade definida a partir da reforma Trabalhista, já em vigência”.

As negociações coletivas iniciaram no dia 19 de março, com a entrega ao Sinepe/RS da pauta de reivindicações aprovadas pelos professores na Assembleia

Geral regionalizada e por nível de ensino. Entre 14 de fevereiro e 8 de março, o Sinpro/RS realizou 67 encontros em 36 cidades, reunindo mais de 2,4 mil professores na decisão das pautas. A consulta também ocorreu via internet.

Na mesa de negociação da educação básica, reajuste salarial de 5%, aumento real de 3% no piso, aproximação dos valores-aula da educação infantil e anos iniciais aos anos finais do ensino fundamental, assistência no atendimento a alunos com deficiência, entre outros. E, da educação superior, piso salarial de R\$ 37,00 por hora-aula, reajuste salarial de 5%, regulamentação e remuneração do trabalho docente nas atividades acadêmicas específicas e inclusão dos tutores na abrangência da CCT.

Transcorrido o primeiro mês das negociações, as instituições de educação básica, com a orientação do Sinepe/RS, anteciparam a reposição do INPC do período (3,94%) nos salários de março.

A manutenção das CCTs 2018, consensuada com o Sinepe/RS, também equacionou a polêmica

instaurada pela edição da Medida Provisória 873/2019, referente às mensalidades dos associados do Sinpro/RS, que continuarão sendo descontadas em folha de pagamento da base do Sinepe/RS. “O assunto, no entanto, continua gerando polêmica em universidades comunitárias”.

**MENSALIDADES** – Levantamento do Departamento Inter-

sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) sobre as mensalidades escolares na educação básica e na educação superior neste ano revelou a manutenção da tendência de reajuste acima da inflação nos dois níveis de ensino. As mensalidades da educação básica foram reajustadas, em média, em 6,68% e, na educação superior, em 5,02%.

Foto: Arquivo Sinpro/RS



Mesa de negociação da educação básica com representantes do Sinepe e do Sinpro/RS



## Sempre tem um desconto pertinho de você.

Com a geolocalização ficou ainda mais prático aproveitar a rede de descontos Sinpro/RS Vantagem.

Hotéis, restaurantes, academias, viagens, pet shops, livrarias, farmácias, moda e muito mais.

Confira no site [www.sinprors.org.br/beneficios](http://www.sinprors.org.br/beneficios) a relação completa de empresas parceiras em todo o estado e economize!



Rede de descontos



# IPA: atrasos, não comparecimentos e paralização de funcionários

O Centro Universitário Metodista (IPA) enfrenta mais uma paralisação por atrasos salariais. No final de março, os funcionários técnico-administrativos da instituição decidiram pela greve, iniciada em 1º de abril, após o não pagamento do salário de fevereiro. A prática já havia sido adotada pelos professores que, em um ano, paralisaram por três vezes, sempre motivados por pendências salariais. Ainda no início de abril, buscando solucionar a crise enfrentada pelo IPA, o Sinpro/RS teve a primeira reunião com a nova Reitoria da instituição.

Os representantes do Sindicato e uma comissão de professores foram recebidos pelo novo reitor, professor Marcos Wesley da Silva, empossado em março deste ano, após a saída de Norberto da

Cunha Garin. Esta foi a segunda substituição de reitor em menos de um ano na instituição. Wesley ouviu relatos dos docentes com a visão crítica sobre os últimos acontecimentos no IPA, em especial os atrasos salariais, a deterioração das condições de trabalho e as pendências rescisórias de mais de 40 professores.

O reitor destacou que o IPA é uma instituição operada pela Rede Metodista de Ensino, por decisão conciliar da Igreja Metodista, fato que não será modificado até que haja novo concílio, o que deve acontecer em 2021. Por esse motivo, a Reitoria não tem autonomia de gestão da instituição. Wesley manifestou ainda suas expectativas positivas de recuperação do IPA, sem especificar como isso ocor-

rerá, mas afirmou que manterá o diálogo com todos os envolvidos. Questionado sobre o pagamento do salário de fevereiro, afirmou não ter condições de assegurar o pagamento na data prevista, 5 de abril. Caso não se confirme o pagamento, o Sinpro/RS convocará nova assembleia de professores.

**AUDIÊNCIA PÚBLICA** – A Comissão de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Assembleia Legislativa do RS (Alergs) realizou no dia 19 de março uma Audiência Pública para tratar dos problemas enfrentados pelo Centro Universitário. A Reitoria do IPA, a direção da Rede Metodista de Educação e a Igreja Metodista, convidados para a audiência, não compareceram. O encontro foi realizado a pedido do

Sinpro/RS e contou com a presença de professores, estudantes e representantes do Sindicato.

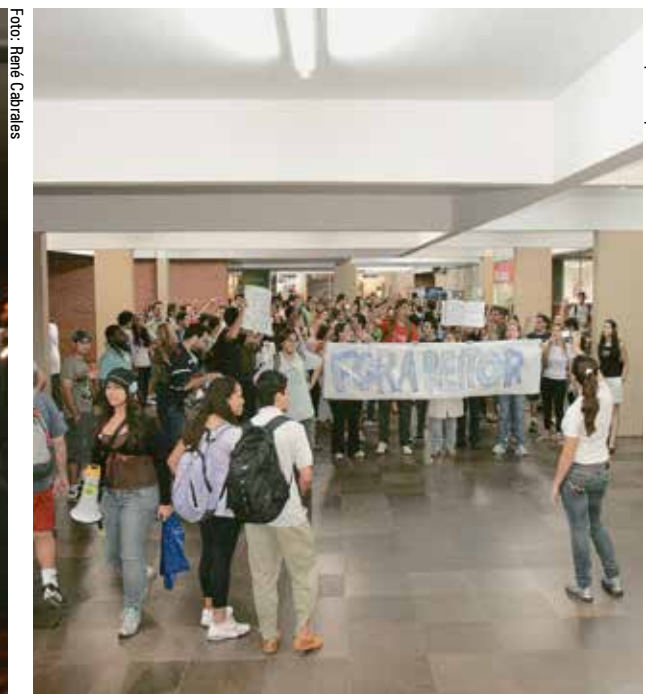
Como encaminhamentos da audiência, as deputadas Luciana Genro (PSol) e Sofia Cavedon (PT) e o deputado Juliano Franczak – Gaúcho da Geral (PSD), decidiram, com a anuência dos demais participantes, que a Comissão de Educação enviará ofício ao Ministério Público do Trabalho (MPT), relatando a audiência e reforçando a necessidade da ação do MPT no caso. Também será encaminhado ofício em nome da presidência da Alergs, manifestando contrariedade com a ausência dos dirigentes da Instituições Metodistas na Audiência. A Comissão encaminhará pedido de reunião com a nova Reitoria do IPA.

## ULBRA

# Processo contra ex-reitor está parado no TRF4

Há dez anos, no dia 7 de abril de 2009, uma assembleia de professores deflagrou o movimento Sou mais Ulbra – Fora Becker!, que culminaria com a renúncia do então reitor da Ulbra, Ruben Becker, responsável pelo colapso financeiro da instituição. O pedido de afastamento do reitor foi repetido em coro nas manifestações e estampado em faixas, folhetos e adesivos, na maior mobilização de professores, funcionários e alunos da história da Ulbra. Ruben Becker foi indiciado em 2010 no inquérito da Operação Kollektor, da Polícia Federal, que investigou o desvio de recursos da Ulbra. A ação da PF foi deflagrada em dezembro de 2009. Na fase processual, o caso se arrastou por quase nove anos.

Em 16 de janeiro de 2018, Becker acabou condenado em primeira instância pela 7ª Vara da Justiça Federal do RS, pelo crime de lavagem de dinheiro, a cinco anos e três meses de reclusão em regime inicial semiaberto e ao pagamento de 122 dias-multa no valor de um salário-mínimo. A filha do reitor, Ana Lúcia Becker, recebeu sentença de quatro anos, dois meses e 20 dias de reclusão em regime inicial semiaberto e pagamento de 68 dias-multa de um salário-mínimo. Outros três acusados foram absolvidos. Becker e a filha apelaram ao TRF4 em abril do ano passado. O MPF pediu a manutenção das sentenças. Desde então, não houve tramitação no processo, que tem relatoria da desembargadora Claudia Cristina Cristofani, da 7ª Turma do TRF4.



Movimento que culminou com a queda e posterior processo na Justiça contra o então reitor Ruben Becker completa dez anos



## Sinpro/RS lança simulador de aposentadoria

Foto: Igor Sperotto



Cenci: ferramenta disponível no site do Sindicato

Quanto tempo a professora ou o professor da educação básica deverá trabalhar para se aposentar com valor integral? E o docente da educação superior? É mais vantajoso esperar atingir a idade mínima ou aguardar o tempo mínimo de contribuição? As regras atuais são alteradas pela proposta de reforma da Previdência do governo Bolsonaro? Em que? Diante das dúvidas e demandas dos professores em relação à aposentadoria, o Sinpro/RS lançou no dia 30 de março a ferramenta *Calcule sua Aposentadoria*, exclusivamente para professores celetistas da educação básica e da educação superior, disponível no site da entidade ([www.sinprors.org.br](http://www.sinprors.org.br)) gratuitamente.

Desenvolvida pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a ferramenta permite a simulação da aposentadoria dos professores segundo as regras atuais da Previdência e a partir da proposta do governo (PEC 06/2019). A ferramenta é autoexplicativa e traz os detalhes específicos, de acordo com os dados fornecidos pelo usuário.

"A proposta de Bolsonaro acaba com a aposentadoria especial das professoras da educação básica, prevê idade mínima de 60 anos e tempo de contribuição de 30 anos", destacou o professor Amarildo Cenci, no lançamento do novo serviço, durante o *Sinpro/RS Debate* sobre o tema. "Para ter benefício integral, elas terão de contribuir 40 anos. É fundamental que a categoria compreenda isso e se mobilize". E observou: se for aprovada pelo Congresso Nacional, as professoras terão de trabalhar pelo menos mais dez anos, contribuir mais cinco anos e ter, no mínimo, 60 anos para ter direito a 80% do benefício previdenciário.

### As diferenças das regras atuais e da PEC 06/2019 Professores da educação básica

#### Regras atuais

##### No RGPS (por tempo de contribuição):

Mulheres: 25 anos  
Homens: 30 anos  
Sem idade mínima.

##### No RPPS (por idade e tempo de contribuição):

Mulheres: 50 anos + 25 anos de contribuição  
Homens: 55 anos + 30 anos de contribuição  
Ambos: 10 anos de serviço público + 5 no cargo

#### Regras com as propostas da reforma

##### RGPS e RPPS:

Mulheres e homens: 60 anos + 30 anos de contribuição no magistério.

## Estilo de vida antiestresse

Embora o estresse seja considerado uma defesa natural que nos ajuda sobreviver, a cronicidade do estímulo se torna um sintoma que modifica negativamente nosso estado acarretando consequências prejudiciais ao nosso organismo, como exaustão física e mental, menos energia e alegria, desmotivação e baixa autoestima.

### Pequenas atitudes – grandes mudanças Por onde começar? O que fazer?

Dicas para ter uma vida mais leve e com mais qualidade:

- ✓ Pratique atividades físicas regulares tais como caminhadas, corrida de rua, e outras de sua preferência. Bastam 20 minutos por dia ou em dias alternados para obter bons resultados.
- ✓ Faça breves movimentos de alongamento incluindo exercícios respiratórios nos intervalos de sua jornada de trabalho. Inspire-se, mexa-se!
- ✓ Convide amigos e monte um grupo para caminhar nos finais de semana (vizinhos, colegas de trabalho, familiares, seu pet).
- ✓ Mantenha uma dieta equilibrada e balanceada. O peso corporal adequado é muito importante.
- ✓ Descubra uma atividade que lhe dê prazer para realizar nas horas vagas (cozinhar, escrever/ler contos e poesias, pintar e bordar, desenhar. Não dê importância aos resultados e sim ao prazer em si de realizá-los.
- ✓ Na sua folga entre em contato com a natureza. Ande descalço na grama, caminhe entre as árvores e relaxe apenas.

[somos.pacevida.com.br/sinpro](http://somos.pacevida.com.br/sinpro)

Acesse a Plataforma Somos Move e encontre dicas e orientações de especialistas de diversas áreas da saúde. Orientações de exercícios, planilhas de caminhada e de corrida, receitas e planos alimentares lowcarb e muitas mais para ajudar você a viver melhor e com mais qualidade.

 **somos** *Move*



## Quer que eu desenhe?

por César Fraga

Bruno Ortiz Monllor, 37 anos, é professor do ensino básico, ilustrador e quadrinista. Atua em sala de aula desde 2007, quando se formou em História e leva o magistério e a arte gráfica tanto no paralelo, quanto de forma integrada. Iniciou a carreira de professor em cursos pré-vestibular populares, vindo a assumir em 2008 pela primeira vez a regência de uma turma. Atuou na Rede Bom Jesus durante oito anos, até o fechamento da unidade em que trabalhava. Atualmente leciona no Marista Assunção, desde 2017, com turmas do fundamental. Na rede pública estadual atua no ensino médio e EJA. Como quadrinista já ganhou prêmios em importantes salões de desenho, como o de Piracicaba/SP. Recentemente, Bruno contou a história dos quilombos de Restinga Seca em quadrinhos. No livro *Quilombos de Restinga Seca* apresenta a história de duas comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul: São Miguel dos Pretos e Rincão dos Martimianos, publicado pelo Neab/Ufrgs.

“Meu trabalho como ilustrador e desenhista é bastante ligado com educação, muito embora já tenha trabalhado para publicidade, ilustração editorial e quadrinhos. O meu primeiro trabalho que fez essa interface com educação e quadrinhos foi no Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Ufrgs. Desde 2008 eu tenho trabalhado principalmente com educação antirracista, isso fora da sala de aula”, explica. Já dentro da sala de aula, a relação de Bruno com os quadrinhos e com a arte é bastante presente. “Não só porque eu acho que é uma linguagem que ajuda bastante a trazer o estudante para o texto mais profundo e para uma reflexão mais ligada à produção textual. E, em sala de aula, eu trabalho com fotonovela, videoarte, maquetes, intervenções no espaço escolar, produção de zines (revistas artesanais) e com a ilustração propriamente dita”. “Eu sou um professor que desenha no quadro”, conclui.



Bruno Ortiz, professor e artista gráfico



A seção Intervalo se propõe a revelar o perfil humano dos professores ao relatar experiências de educadores que desenvolvem atividade diversa da docência, seja de forma profissional ou como passatempo. Envie sua sugestão aos editores: [extraclasse@sinprors.org.br](mailto:extraclasse@sinprors.org.br).

## PALAVRA DE PROFESSOR

por Beth Baldi

Sócia-fundadora e Diretora Pedagógica da Escola Projeto\*

### Açorianos homenageia Escola Projeto



Foto: Acervo pessoal

Foto: Neca Baldi/Divulgação

Recebemos no dia 27 de março, no Teatro Renascença, uma *Menção Honrosa* pelo trabalho que realizamos junto a cantores e compositores gaúchos, aproximando-os de alunos de todas as idades (educação infantil e ensino fundamental até 5º ano), de suas famílias e dos professores, o que valoriza os artistas e sua arte, contribuindo para a formação de plateia.

Foi uma linda homenagem, que nos gratificou e fortaleceu. Como, aliás, têm sido lindas as experiências proporcionadas pelo projeto *Encontro com o Compositor*, que a cada ano, desde 2001, oportuniza que os alunos, durante um trimestre letivo, ouçam e interajam com a obra do convidado. Eles cantam, dançam e exploram ritmos, melodias, letras, harmonias e arranjos, acompanham com instrumentos, fazem versões e compõem, através de propostas adequadas a cada faixa etária e a partir de diferentes canções. No final, tem conversa e cantoria na escola com o músico (encontros com grupos de duas ou três turmas de cada vez), que ainda faz um show pra toda a comunidade escolar, em um teatro da cidade. Além de trazer sempre muita alegria e emoção, o trabalho amplia repertório, alimenta a criatividade, estimula a imaginação e desenvolve sensibilidades.

E foi justo essa experiência com a música, que culminou, em dezembro passado, com o grande espetáculo *Vem aqui que é muito tri!*, no Auditório Araújo Vianna, comemorando os 30 anos da escola, reunindo artistas referenciais que já haviam participado desse trabalho na escola – Hique Gomez, Arthur de Faria, Chico Saratt, Nei Lisboa, Gustavo Finkler, Nelson Coelho de Castro, Cláudio Levitan, Beбето Alves, Leo Henkin, Marcelo Delacroix, Tiago Flores, Gelson Oliveira, Antonio Villeroy, Monica Tomasi e Vitor Ramil – em um momento emocionante e único, com direção artístico-musical de Marcelo Delacroix e produção executiva de Inês Hübner. Era a escola saindo de seu prédio, invadindo a Redenção e se abrindo pra toda a cidade!

Agradecemos e dividimos esse prêmio com a equipe superengajada da escola, que sempre adere ao projeto de forma entusiasmada: professores de classe, de Música (à Helena Lopes, que iniciou o projeto e àqueles que deram continuidade a ele: Marcelo Delacroix, Maurício Nader, Simone Rasslan e nosso professor atual Ianes Gil Coelho), coordenadoras e funcionárias. Parabéns pra todos nós!

\* Licenciada em Pedagogia e com Mestrado em Métodos e Técnicas de Ensino, ambos pela PUCRS. Além de fazer parte da equipe do Projeto há 30 anos, atuou em escolas públicas como professora, em turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, de educação infantil e de Magistério, e como coordenadora, bem como em instituições privadas de ensino superior (Unisc – Universidade de Santa Cruz/RS e PUCRS).





# Coisa mais linda

*O machismo que vemos na tela, de qualquer maneira, convoca cada um de nós a pensar na realidade de feminicídios, crimes sexuais, preconceitos, ameaças e assédios que seguem atormentando o cotidiano das mulheres brasileiras em pleno século 21*

A série *Coisa mais linda*, lançada recentemente pela Netflix, dirigida por Heather Roth e Giuliano Cedroni, deveria ser exibida em sala de aula, em todo o país. O argumento, sustentado por grandes atuações das quatro protagonistas, Malu (Maria Casadavell), Adélia (Patrícia Dejesus), Lígia (Fernanda Vasconcelos) e Tereza (Mel Lisboa), permite que a estrutura hierárquica de gênero vigente em 1959 no Brasil seja exposta de tal modo que não há como ignorar a opressão. Detalhe importante: várias das frases ditas pelas personagens foram tiradas de posts recentes nas redes sociais. O machismo que vemos na tela, de qualquer maneira, convoca cada um de nós a pensar na realidade de feminicídios, crimes sexuais, preconceitos, ameaças e assédios que seguem atormentando o cotidiano das mulheres brasileiras em pleno século 21.

*Coisa mais linda* aborda, ainda, com maestria, o tema do racismo, evidenciando aquela que é outra das fraturas que caracterizam nossa formação econômica e social. Lá estão as relações abusivas e humilhantes sustentadas pelos patrões diante de suas empregadas (negras quase sempre) e muito mais. Tudo isso em produção esmerada, belíssima fotografia e boa trilha sonora. Como bônus, a série ainda oferece algumas "citações", como a cena em que políticos do Rio, quando a cidade ainda era ca-

pital do Brasil, se divertem em um restaurante com guardanapos na cabeça – o que remete a episódio real de Sérgio Cabral e seu bando.

Há, entretanto, outras razões que fazem a série ser mais significativa nesse momento sombrio de nossa história. Ocorre que o Brasil e várias outras nações experimentam, atualmente, governos ou movimentos políticos com vocação protofascista que valorizam os padrões tradicionais das sociedades patriarcais, onde os papéis de gênero são claramente definidos em termos binários e hierárquicos, com os homens como provedores, no espaço público, e as mulheres, como mães, cuidando das crianças, no espaço privado.

Na Hungria, o governo de Viktor Orbán combate o que chama de "doutrinação liberal" e sustenta uma plataforma nacionalista que se articula com a proteção do casamento, compreendido como "união sagrada entre homem e mulher", no incentivo à maternidade e na proibição do aborto. Na Polônia, o Partido da Lei e da Justiça, de extrema-direita, sustenta política anti-imigração, abomina a homossexualidade e propõe que o aborto seja proibido inclusive nos casos de estupro e risco de vida para a gestante. Discursos semelhantes marcam as intervenções de Matteo Salvini, na Itália, e de Marine Le Pen, na França, e as propostas de movimentos neofascistas em países tão diversos como a Alema-

nha, onde o *Alternativ Für Deutschland* já é a terceira força política, e a Índia onde a ideologia do movimento *Hindutva* foi assumida pelo partido dominante. O feminismo e a luta pelos direitos civis dos gays constituem alvos permanentes de Putin, na Rússia, que, além da repressão aos ativistas, força as universidades para que abandonem os "valores ocidentais". O mesmo ocorre na Turquia, onde Erdogan demitiu mais de 5 mil professores e reitores sob a acusação de serem "liberais" e "esquerdistas".

No Brasil, o "programa" do governo para a Educação começa com o hino nacional nas escolas, com as invectivas contra a "ideologia de gênero" e contra os professores apontados como "comunistas" e termina na Educação a Distância e na proposta do *homeschooling* (veja meu texto a respeito em: <https://goo.gl/WWnuui>). Já a ministra da Mulher, pastora Damares, promove palestras contra o feminismo e declara que sua missão é ensinar os meninos a serem gentis com as meninas; os primeiros de azul, as últimas de rosa.

As tentativas de disciplina sobre os corpos femininos e de enquadramento heteronormativo da sexualidade é também uma fixação dos novos cavaleiros "da moral e dos bons costumes"; o que não é novidade em termos de política fascista. Depois de ter inventado que Obama não seria americano, Trump alimentou várias "teorias

conspiratórias" em sua campanha. Uma das mais populares ficou conhecida como *pizzagate* e consistiu na lenda de que um dos coordenadores da campanha de Hillary Clinton agenciava prostitutas para congressistas democratas, operando em uma pizzeria. No Brasil, um dos temas mais batidos pela campanha de Bolsonaro envolveu o *Kit Gay*, algo que nunca existiu. Essa foi a lenda pública, reforçada por outras lendas que aglutinaram ódio e repulsa em grupos de *WhatsApp*. Em uma delas, se acusava Haddad de haver distribuído mameadeiras com bicos em formato de pênis para crianças nas escolas de São Paulo, como forma de combater a homofobia. Incrivelmente, milhões de pessoas acreditaram nessa asneira. Em ambas as lendas, o bolsonarismo especulou com os preconceitos ancestrais contra as sexualidades "desviantes e pecaminosas" em um estilo que nem a Inquisição seria capaz de sustentar. A homofobia e a misoginia, entretanto, não foram apenas artifícios de campanha. Seguem sendo, mais do que isso, compromissos essenciais para o tipo de discurso manipulador que caracteriza todas as intervenções do clã Bolsonaro e da fração lisérgica de seu ministério.

É esse pesadelo que confere à série *Coisa mais linda* um sentido subversivo e civilizatório. Uma boa notícia, enfim, no meio de tantas tragédias.



Foto: Arquivo/Divulgação Netflix



# Terceirização do Gasômetro é uma caixa preta

Foto: Igor Sperotto

# Arte<sup>+</sup>

24 EXTRA CLASSE Abril 2019



por Naira Hofmeister  
e Thayse Uchôa

Uma escultura em arame que reproduz os últimos trabalhadores a deixarem a Usina do Gasômetro em 1974 – quando ela fechou suas portas como central geradora de energia – segue no hall de entrada do edifício tombado. A silhueta dos operários de outros tempos é a recepção dos técnicos de hoje, cuja missão é assegurar a entrega do centro cultural reformado à cidade, em agosto do ano que vem. Detrás de uma proteção para evitar que se deteriore, a obra artística tem sido a única testemunha de um trabalho silencioso que a população não enxerga: em parte,

em razão dos tapumes que cercam o prédio histórico, mas também porque ele acontece mais dentro de escritórios e gabinetes do que no chão da antiga indústria de eletricidade, e conta com pouca publicidade.

Fechado desde novembro de 2017, o centro cultural Usina do Gasômetro “está todo furado por dentro”, nas palavras do secretário de Cultura de Porto Alegre, Luciano Alabarse. É o reflexo do trabalho de prospecção das estruturas, comandado por engenheiros terceirizados – parte do plano de correr contra o relógio para ter a reforma pronta dentro um ano e meio. Se não for concluída até agosto de 2020, a prefeitura precisará reembolsar 3 milhões de dólares à Corporação Andina de Fomento (CAF),

que financiou a recuperação com prazo estabelecido em contrato.

A primeira meta é crucial: a licitação de execução da obra precisa estar na rua já em abril. “A execução do projeto é perfeitamente viável no tempo que temos”, observa o arquiteto Tiago Holzmann, diretor da empresa 3C, responsável pelo projeto executivo da reforma. “O mais demorado são as burocracias e as liberações prévias”, avisa.

Qualquer erro no projeto pode ser fatal e os riscos são muitos em uma obra com a complexidade da que exige a Usina. É um prédio industrial adaptado para ser centro cultural, protegido pelo patrimônio histórico e maltratado pela falta de cuidados ao longo dos anos. Por precaução, os técnicos já estão estudando suas entranhas em busca de uma avalia-

ção detalhada do comprometimento das estruturas – também para evitar surpresas como aquela rocha no solo que inviabilizou por anos a construção da trincheira da Anita Garibaldi, prometida para a Copa de 2014 e ainda em obras.

Outra preocupação é evitar adequações de última hora para o plano de prevenção contra incêndios – o que poderia atrasar ou até embargar a reforma. Para isso, cada detalhe do projeto está sendo submetido ao Corpo de Bombeiros, que pediu alterações em saídas de emergência e o alargamento das escadas previstas. Vencida esta etapa, as plantas ainda deverão ser avaliadas pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico Cultural (Compahc) para, só então, a licitação da obra ser posta na rua.

## Adeus, ao modelo londrino

Foi o medo de ter mais uma obra não entregue na cidade que levou Luciano Alabarse a suspender o processo de reestruturação da Usina que vinha sendo tocado desde a administração anterior.

Seu antecessor, Roque Jacoby, tinha deixado o cargo “com a terceirização do Gasômetro encaminhada” e havia o dinheiro da CAF para investir na obra. O ex-secretário encomendou então um ambicioso projeto de reformulação à 3C arquitetura, que desenhou um centro cultural nos moldes da Tate Modern Gallery, em Londres. A obra de execução, entretanto, superaria facilmente R\$ 40 milhões, quando a prefeitura dispunha, no máximo, de R\$ 11 milhões pelo contrato de financiamento.

Quando o início das obras parecia iminente, com a Usina já desocupada e prestes a fechar para a reforma, a prefeitura anunciou uma mudança de planos. Era setembro de 2017 e os arquitetos já trabalhavam há dois anos no projeto, contratado por R\$ 417 mil – que acabou descartado. “Não considero um atraso, mas um ganho. Não queria começar a obra com toda a pompa e circunstância e entrar para a história como o secretário que não entregou o Gasômetro para a população”, desabafa Alabarse.

No lugar do plano anterior, foi desenvolvida uma proposta arquitetônica focada no básico: adaptação das instalações às normas de acessibilidade, troca da rede elétrica, reparo de infiltrações e reforma da laje do quarto andar, que sofre com problemas estruturais.

Da proposta anterior, sobraram a troca de local da sala de cinema PF. Gastal, que desce para o térreo, junto à Galeria dos Arcos, e a ideia de abrir uma operação gastronômica no terraço do quarto andar, de frente para o Guaíba.

Isso sim, o teatro Elis Regina que espera ser concluído há 25 anos, finalmente será inaugurado, seguindo os preceitos do projeto original, fruto de um concurso público. “Será um grande alívio, vou para casa com a missão cumprida”, comemora Alabarse, que é diretor teatral.

## Transparência capenga

Não são apenas os tapumes que impedem a população de acompanhar o desenrolar da novela em que se transformou a reestruturação da Usina do Gasômetro. A falta de transparência no processo se revela em detalhes como a ausência do aditivo contratual com a 3C (R\$ 90 mil), da lista de documentos oficiais referentes ao acordo com a CAF, publicados na página da prefeitura.

Questionados sobre o valor já investido no planejamento do novo centro cultural, Alabarse e o diretor da Usina, Luiz Armando Capra, desconversam: “Isso é com a (secretaria da) Fazenda”.

A prefeitura também nega acesso ao contrato de consultoria firmado com o Instituto Odeon e aos próprios relatórios provenientes do acerto, nos quais está desenhado um novo modelo de gestão para a Usina do Gasômetro, cuja administração deve ser terceirizada.

Não há certeza sequer sobre a manutenção do projeto Usina das Artes no Gasômetro. O programa beneficia grupos de teatro, dança e circo, provendo apoio financeiro e espaço físico. “Na lei, não há obrigação de que a residência artística seja feita na Usina. Eu até acho que não é um local apropriado para isso”, defende Alabarse, que, entretanto, reforça não ter tomado uma decisão sobre o projeto, que vai entrar no terceiro ano sem novos editais.

Um grupo de remanescentes da última chamada, em 2016 – cujos contratos venceram no ano seguinte – ocupa um prédio antes abandonado, no qual a SMC tem feito reparos. Hoje teto improvisado, a antiga escola municipal Santa Terezinha, vizinha da Vila Planetário, no cruzamento da Avenida Ipiranga com a Santana, pode se tornar moradia definitiva do projeto.

Foto: Igor Speratto



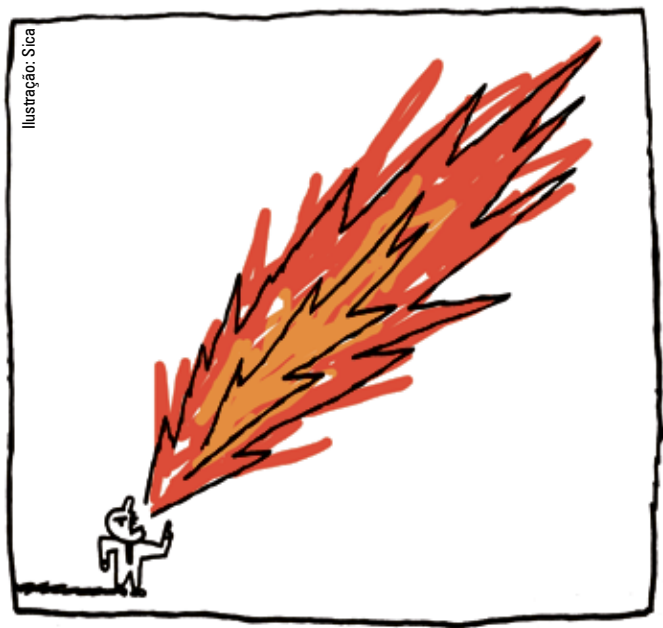




FRAGA

# Curso de ódio

*Graças ao Bolsa-Ódio virá um novo tempo: o ódio ruminante a serviço das reações irracionais*



O ódio, essa endemia verdosa e amarelona, tá no ar: rosna nas ruas, reina nas redes, rola ao redor. Só que, ao contrário do ódio tradicional – civilizado e bem motivado – aparenta ser um ódio tosco, de gente despreparada até pra odiar direito. Assim não dá, né?

Sorte que nosso mandatário é PhD no assunto: acima de tudo e de todos, ele odeia os que não se odeiam. Com tão primitiva aptidão, certamente criará o programa Bolsa-Ódio, ou coisa parecida. Incentivo oficial para que toda a população se agrida por igual, sem amorismo. Assim o governo poderá atingir a principal meta social neste 2019 cada vez mais antissocial: acabar com o pacifismo. Se é que alguma vez houve isso entre nós.

O Bolsa-Ódio, imagino eu, prevê capacitar zilhões de brasileiros a odiar em alto estilo e som estéreo. Todos que votaram no capitão e todos os derrotados nas urnas vão poder, afinal, se atracarem dentro de normas odientas. Tudo no mais elevado e odioso padrão. Chega dessa bagunça de odiar a esmo, tipo nunca te vi, sempre te odiei.

No programa Bolsa-Ódio o brasileiro aprenderá, antes de mais nada, o ódio politicamente correto: aquele que os nobres deputados e suas excelências senadores praticam lá entre si, no plenário. Com isso deixam de se ocupar de pautas em favor do Brasil. Lógico: eles odeiam o país, senão já teriam dado um jeito nele. Quer ódio mais exemplar que esse?

Quanto à vocalização do ódio, inclui verbos adequados à expressão dos odiadores: bradar, berrar, esbravejar, ulular, urrar, vociferar. Acabam as gritarias inócuas, com verbos meigos e mansos. Onde já se viu ódio educado, que nem despentear antagonistas consegue? O discurso do ódio tem que se diferenciar do simples bate-boca, dar vazão aos instintos animalescos.

Além do tom que melhor expressa ódio, o curso deve oferecer dois níveis de preparação odiosa, cada um com seu grau de carnificina pertinente.

Para iniciantes, exercícios de mímica facial, pra aprender a revirar os olhos por qualquer coisinha e a andar de olho armado 24h por dia, inclusive durante o sono. Já pensou, olhares que além de dardejar, fuzilem e metralhem? Ódio de olhadores de elite!

Quanto aos veteranos, poderão aperfeiçoar a mira de rancores e a potência da raiva acumulada. Ter ódio virulento sob controle para só deixar explodir em manifestações públicas, discussões no trabalho, em atritos ideológicos.

Graças ao Bolsa-Ódio virá um novo tempo: o ódio ruminante a serviço das reações irracionais. Não vejo a hora de melhorar meu ranger de dentes e espumar a boca com maestria. Tomara que o governo abra concurso para fomentadores de ódio em todos os escalões. O modelo presidencial tá pra isso.

PROGRAMAÇÃO  
ECARTA

Confira a agenda cultural completa em [ecarta.org.br](http://ecarta.org.br) ou 51. 4009.2971.

## SHOWS

Porto Alegre | 18h | entrada franca

13/4 – Choro pampeano com Dunia Elias

27/4 – Cristian Sperandir Trio



Foto: Gabriel Ferreira

## ARTES VISUAIS

Porto Alegre | entrada franca

21/4 – *Le Petit Pôa*, do artista visual Tupax, em homenagem aos 247 anos da cidade de Porto Alegre. **Visitação:**

de terça a sexta-feira, das 10h às 19h; sábado, das 10h às 20h; e domingo, das 10h às 18h.



Foto: Igor Sperotto

## VINHO Porto Alegre

**Vinícola Boscato**

Apresentação: Roberta Boscato, enóloga.

10/4 | 19h30 | Inscrição: R\$ 35,00.

## ECARTA ANFITRIÃ Porto Alegre

26 e 27/4, Curso Gestão de Projetos e Atualização da Lei Rouanet. **Ministrantes:** Adriana Donato e Daniel Bender Ludwig, produtores.

**Inscrição:** R\$ 300,00.

## CONVERSA DE PROFESSOR

Porto Alegre – Inscrição gratuita

5/4 | 19h – Presença, postura e bom humor.

**Ministrante:** Deborah Finocchiaro, atriz.

## CULTURA DOADORA

**Brochier – Entrada franca**

10/4 | 9h – Da doação de órgãos ao transplante

**Ministrantes:** Valéria Weymar, enfermeira; Carla Giuliane, psicóloga; e Glaci Borges, jornalista.

**Local:** Pavilhão da Comunidade Linha Pinheiro Machado.

**Porto Alegre – Entrada franca**

13 e 25/4 | 9h e 19h – Da doação de órgãos ao transplante. **Local:** Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilingüe Salomão Watnick.





VERISSIMO

# Bannon sorriu

*Falando em palavras que caem em desuso, uma, a palavra "escrúpulo", deve ser imediatamente cortada dos dicionários sérios do mundo, por absoluto obsoletismo*

Certas palavras perdem o sentido mas mantêm seu poder evocativo. Pense na palavra "entreguismo" e você estará evocando toda uma época, quase outra civilização. Estará lembrando os anos do petróleo é nosso e dos maiôs Catalina, do teatro de revista com suas vedetes coxudas, das manifestações estudantis e das primeiras lambretas. "Entreguista", naquele tempo, era quem queria entregar tudo para os americanos, pois já tínhamos entregue nossas almas, ao som do roquenrol. A esquerda – lembra dela? – era contra os entreguistas. Estes tinham a retórica poderosa do Roberto Campos defendendo a privatização do país inteiro, mas conseguiram manter o petróleo mais ou menos nosso. Pelo menos até anteontem. Não se sabe o que combinaram fazer com a Petrobras na reunião de Washington.

Falando em palavras que caem em desuso, uma, a palavra "escrúpulo", deve ser imediatamente cortada dos dicionários sérios do mundo, por absoluto obsoletismo. Há anos ninguém diz "escrúpulo" em público a não ser acompanhado por um sorriso irônico. A delegação brasileira que acompanhou o Eduardo Bolsonaro a Washington não levou escrúpulo. A orientação era oferecerem o que os americanos quisessem, a começar pela base de Alcântara, sem medo de serem chamados de "entreguistas" como antigamente, pois ninguém mais é. As cenas de subserviência festiva e de exaltação à América de Trump se repetiram

sem que nada parecido com escrúpulo interviesse.

Steve Bannon, um dos ideólogos da direita mundial, participou das festividades em Washington, sorrindo secretamente da avidez dos brasileiros em se tornarem americanos vendendo o Brasil. Ou, como já estão falando em Brasília, Brazil. Estranha a ausência dos irmãos Koch na festa. Eles são, com Bannon, os maiores exemplos do dinheiro infundável posto a campo para inviabilizar qualquer alternativa ao capital predador. Devem estar vindo por aí.



RATO FALHO / RAFAEL CORRÊA



RANGO / EDGAR VASQUES





# 1º de Maio é dia do Trabalhador

dizer **NÃO** à Reforma da Previdência

Participe dos atos que ocorrerão  
em diversas cidades do estado  
contra essa reforma que liquida  
com as aposentadorias dos  
professores e demais  
trabalhadores.

O Sinpro/RS está na linha de  
frente deste movimento. Acesse  
[sinprors.org.br](http://sinprors.org.br) para mais  
informações sobre os locais e  
horários das manifestações na  
sua cidade.

**REFORMA  
DA PREVIDÊNCIA**

NÃO ACABA COM PRIVILÉGIOS  
ACABA COM A SUA  
**aposentadoria**  
REAJA!

**SINPRO/RS**  
Sindicato Cidadão

o é dia do  
lhador  
na da Previdência

REFORMA  
DA PREVIDÊNCIA  
NÃO ACABA COM PRIVILÉGIOS  
ACABA COM A SUA  
**aposentadoria**  
REAJA!  
SINPRO/RS  
Sindicato Cidadão